ÉLISÉE RECLUS

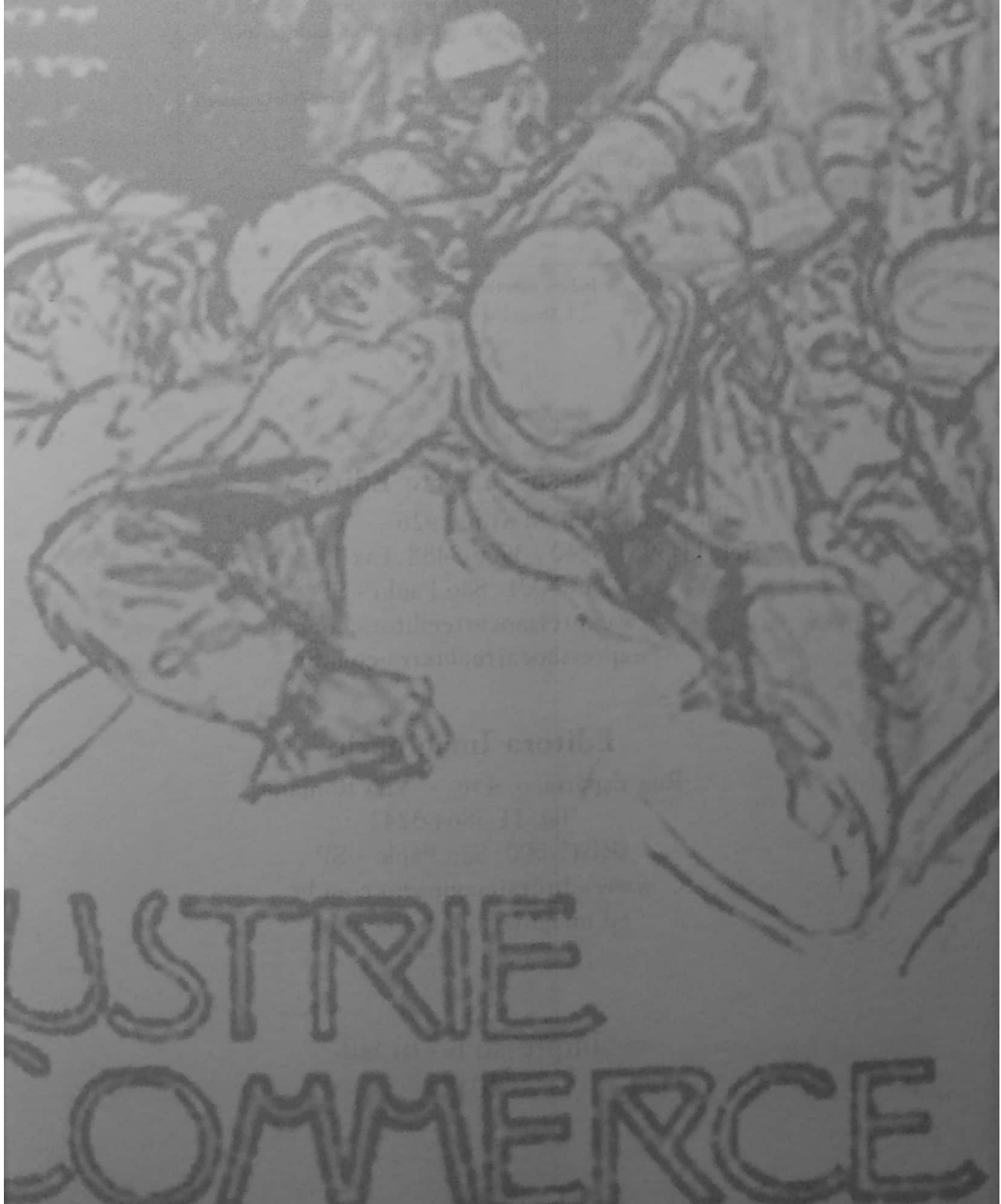
O HOMEM E A TERRA

A Indústria e o Comércio

L' INDUSTRIE
ET LE COMMERCE

Editora Imaginário

O HOMEM E A TERRA

A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO

Projeto Editorial
Plínio Augusto Coêlho

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reclus, Élisée, 1830-1905.
O Homem e a Terra: A Indústria e o Comércio / Élisée Reclus; tradução de Plínio Augusto Coêlho. – São Paulo: Expressão & Arte: Editora Imaginário, 2011.

Título original: L'Homme et la Terre: L'Industrie et le Commerce
ISBN 978-85-7935-015-3

1. Civilização – História 2. Comércio 3. Geografia humana
4. Geografia social 5. História universal 6. Indústria I. Título.

11-00743 CDD-910.01

Índices para catálogo sistemático:
1. Geografia social 910.01

Expressão e Arte Editora
Rua Waldemar Martins, 926 - Casa Verde
Tel. 11-3951-5240 / 3966-3488 Fax 11-3951-5188
02535-001 São Paulo - SP
www.expressaoearteeditora.com.br
expressaoearte@terra.com.br

Editora Imaginário
Rua Espártaco, 456 - Vila Romana
Tel. 11-3864-3242
05045-000 São Paulo - SP
www.editoraimaginario.com.br
ed.imaginario@uol.com.br

Impresso no Brasil
2011

ÉLISÉE RECLUS

O HOMEM E A TERRA

A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO

Tradução

Plínio Augusto Coêlho

Editora Imaginário

SUMÁRIO

NOTA DA EDIÇÃO

O ensaio **A *Indústria e o Comércio***, corresponde ao capítulo IX, livro IV, volume VI da obra de Élisée Reclus, ***O Homem e a Terra***, publicado em Paris, em 1905.

A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO

Élisée Reclus

A Produção livre e a Repartição eqüitativa
para todos, tal é a realização
que exigimos do porvir.

Rápido desenvolvimento da indústria moderna.
Operários. – Divisão do trabalho.
Maquinismo. – Progresso e retrocesso locais.
Constante estado de guerra na fábrica.
Ignorância geral do bem público. – Comércio,
decadência do pequeno varejo. – Caravanas,
feiras, alfândegas. – Acomodamento do capital
e das leis. – Liberdade da pessoa humana.
Fraudes permitidas. – Ciganos, judeus.
Produção e repartição, comprar e vender.

Não menos antiga que a agricultura, a indústria, por sua própria natureza, ajudou rapidamente a fazer nascer o sentimento da propriedade pessoal, porquanto os objetos fabricados pelos primeiros artesãos foram considerados de hábito como a coisa da-

quele do qual eles eram a obra; não havia por que se surpreender com o fato de que guardassem para si mesmos ou que os dessem a quem lhes aprouvesse. Mas se pode dizer que, no conjunto do movimento econômico, a propriedade industrial desenvolveu-se nas sociedades humanas paralelamente à propriedade das terras. Lá onde a gleba não erigia limites, cabanas, barco, ferramenta não eram ciumentamente vigiados. À propriedade familial do pequeno domínio correspondia aquela dos móveis, ferramentas e armas que ali se encontravam; da mesma maneira, o domínio do clã, da tribo, da comuna compreendia suas "posses e dependências" em objetos da indústria humana. A grande propriedade comportava não só campos, prados, florestas, que deveriam ter servido a toda uma população, ela também possuía indivíduos na qualidade de clientes, servos, escravos ou mercenários, e a riqueza da casa senhorial acrescentava às colheitas armazenadas vasos preciosos, metais e gemas, tecidos, tapetes e tapeçarias: o açambarcamento fazia-se sobre todos os produtos do trabalho humano.

Os progressos da ciência, de um lado, e, do outro, o desenvolvimento da navegação e a construção das estradas, permitiram à indústria tomar uma singular dianteira sobre a agricultura. Esta só dispunha dos aperfeiçoamentos realizados em alguns grandes

domínios, e, por mais vastos que fossem, por mais inteligentemente que se fizesse a cultura, era impossível ao proprietário ampliar os limites de seu império e aumentar o número de seus clientes; a natureza impunha limites à sua ambição. Todavia, o manufatureiro das primeiras renascenças, nas comunas e nas cidades livres, na Itália, na França, na Alemanha, em Flandres, já via ampliar-se o horizonte ao seu redor; pela aquisição das matérias-primas, ele podia aumentar indefinidamente os produtos de suas oficinas e expedi-los de mercado em mercado até o fim do mundo conhecido; pelo crédito ilimitado, ele dispunha da fortuna dos outros bem como da sua própria; comerciante não menos que industrial, ou, ao menos, associado com o banqueiro, mobilizava pelos adiantamentos e empréstimos, pelas operações bancárias, todas essas imensas propriedades que permaneciam quase inertes nas mãos de seus possuidores: enfim, ele ordenava aos reis e dirigia assim os diplomatas e os exércitos; exercia a aprendizagem de seu futuro ofício, a dominação do mundo.

Entretanto, o ódio pelo novo, ao mesmo tempo que a rudeza invejosa da concorrência, retardaram muitas vezes as conquistas da indústria. Nenhuma descoberta especial pôde nascer sem conquistar seu lugar com muito esforço, sem fazer com que seus autores sofressem perseguições por tantas heresias; eram,

com efeito, blasfêmias contra o convencional, atentados contra a rotina. Assim, a hulha, que, recentemente, antes do emprego do petróleo e da utilização das quedas d'água, fornecia a força motriz a quase todas as manufaturas modernas, havia sido proscrita de pronto porque prejudicava os negociantes de madeira ou outros industriais privilegiados. Em 1305, os artesãos da Inglaterra, tendo adquirido o hábito de utilizar o carvão mineral para suas fornalhas, as pessoas ricas ofenderam-se com isso, sob pretexto do mau odor do combustível, e, depois de investigação, o rei Eduardo I promulgou um edito punindo a penas severas o súdito culpado de haver introduzido o carvão mineral em uma cidade da Inglaterra. A autorização só foi concedida em 1340, e ainda assim só a alguns fabricantes protegidos; cem anos tiveram de transcorrer antes que o uso dessa matéria fosse livremente permitido. Na França, sob Henrique II, os ferradores que empregavam em Paris o carvão mineral eram condenados a pagar multa ou iam à prisão[1].

Na Alemanha, mesmos obstáculos no início. O emprego da hulha foi ali por muito tempo visto com maus olhos pela "ciência" dos médicos, que a acusavam de produzir a asma, a tísica e outras doenças graves entre os foguistas. Atribuía-se o espírito de re-

[1] Paul Noël, *Origine et analyse du charbon de terre*.

volta dos liegenses ao carvão que eles empregavam[2]. As injustiças dos príncipes-bispos, a opressão que eles impunham a seus súditos poderiam ter sido atribuídas ao produto pernicioso com o mesmo oportunismo. Da mesma forma, todas as invenções que sucederam ao emprego da hulha foram regularmente desacreditadas, ridicularizadas ou, inclusive, proibidas; sabemos quão difícil foi introduzir o uso das ferrovias nos diversos países da Europa ocidental, pois os espíritos mais judiciosos puseram-se de acordo para declarar que jamais locomotiva alguma poderia subir encostas ou rebocar vagões carregados. Os sapientes negavam peremptoriamente, sem querer dar razão ao fato contra o ensino clássico.

Uma vez em movimento, as oficinas das manufaturas não se detiveram; no entanto, elas foram várias vezes retardadas pelas guerras internacionais e pelas revoluções intestinas. Seu grande desenvolvimento com velocidade sempre aumentada, sua expansão vertiginosa que já permitia aos observadores sagazes predizerem sua importância futura, só começou no século XVIII, na época em que as viagens de grande navegação, outrora raras, faziam-se mais comuns, quando o combustível mineral assumia o lugar da madeira em algumas fábricas, e os procedimentos indus-

[2] A. Boghaert-Vacké, *La Nature*, 1º de janeiro de 1898, p. 71.

triais começavam a dispor de engenhos substituídos no trabalho do homem. Pouco a pouco, a máquina torna-se em cada oficina a divindade central da qual todos os movimentos ritmam aqueles do operário; a hulha, retirada das profundezas da terra, transforma seu calor em força viva para pôr em movimento todo um imenso organismo de alavancas, bielas, pistões, rodas, engrenagens, volantes e homens. A força empregada a serviço do industrial faz-se ilimitada, e os produtos amontoam-se para um número cada vez mais considerável de consumidores. O Vulcano que a ciência havia acorrentado para forjar-lhe armas e ferramentas não repousa mais.

De início, a grande indústria havia adquirido um aspecto bárbaro, feroz, titânico. As máquinas, ainda não bem adaptadas às obras que o fabricante pedia-lhes, tinham formas pesadas, complicadas, bizarras; instaladas em construções que foram erguidas com vistas ao trabalho manual e com o emprego de ferramentas hereditárias de fraca dimensão, elas estremeciam os assoalhos e as paredes com seus barulhos; o vapor, as matérias fuliginosas, os gases liberados pelas fermentações viciavam a atmosfera; os restos do antigo ferramental jaziam nos pátios insalubres e nauseabundos, e os operários, presos entre hábitos inveterados e as ordens recebidas, entregavam-se a um trabalho irregular, sem elegância: o velho

ritmo já não mais existia na cadência dos movimentos, no agrupamento dos trabalhadores, na progressão das obras no sentido da perfeição desejada. Todavia, as descobertas sucedendo às descobertas, o sistema à rotina, pôde-se transformar completamente o antigo ferramental; os trabalhadores da indústria acomodaram-se perfeitamente ao novo estado de coisas; eles aprenderam, por assim dizer, a viver no fogo, em meio a correntes elétricas, no próprio centro da luta entre as forças do caos primitivo; aprenderam a tornar-se absolutamente os senhores, e isso sem esforço, por gestos tranqüilos e dominadores: apóiam sobre uma alavanca, deslocam uma agulha, tocam um botão, e tudo muda a seu bel-prazer, em uma medida precisa e segundo um ritmo do qual eles regulam cada oscilação.

O pessoal da indústria já não tem os mesmos nomes que nos tempos antigos: novas obras demandam novos órgãos. Para um trabalho tradicional que o filho, aprendiz respeitoso, não tinha absolutamente o que modificar, bastava conhecer as matérias-primas, sempre as mesmas, os procedimentos, praticados escrupulosamente como ritos religiosos, as formas preferidas dos grandes negociantes e dos reis, e essas formas não deviam em absoluto deixar de imitar aquelas que agradavam aos ancestrais. A iniciativa não era, portanto, necessária ao artesão.

Sem dúvida, o ofício prosperava mais, e, inclusive, progredia em uma certa medida quando era exercido por homens jovens, e sobretudo por homens livres, mas o trabalho não parava absolutamente quando o proprietário da empresa confiava-o a escravos, organizados entre alguns adestradores de condição relativamente livre. A indústria moderna não pode doravante acomodar-se com tais agentes; não que ela tenha se tornado mais complacente do que outrora: em relação a isso, não mudou, não tendo o que fazer do sentimento; por definição, ela só pode buscar o lucro, no entanto, tendo-se tornado mais ativa, mais móvel, obrigada a viver com o século e seguir, e até mesmo preceder suas oscilações, ela não poderia acomodar-se com uma instituição pesada, imutável como a escravidão, com seus filhos nos seios e seus velhos importunos. Precisa de assalariados, que são contratados quando parecem dispostos ao trabalho, para a obra precisa à qual convêm sua força, sua destreza e sua musculatura. Eles são conservados pelo tempo que são úteis à empresa e rendem mais do que custam: depois se livram deles assim que se tornam um estorvo. O mês, a quinzena, e, em certos trabalhos, o dia apenas, representam a duração do contrato; e a luta engaja-se, incessante, encarniçada, furiosa, pelo valor do salário, que o trabalhador quer aumentar e o patrão reduzir.

Os economistas pensam de bom grado que a divisão do trabalho é uma das conquistas da indústria moderna: ela é, ao contrário, uma das condições essenciais de todo trabalho coletivo, e nunca esteve ausente do labor do homem, nem daquele de nossos ancestrais, os animais. A divisão do trabalho é espontaneamente praticada pelos símios, pelos camelos, pelos galos, até mesmo pelas carpas, e tantas outras espécies que, desconfiando, com razão, de seus inimigos rondadores, inclusive o bípede humano, não negligenciam instalar sentinelas em torno do local de pasto, de repouso ou de prazer. O mais belo exemplo da divisão do trabalho é aquele que dão os pássaros migradores que, em sua travessia do imenso espaço aéreo, sucedem-se espontaneamente no esforço buscado contra o fluido resistente. Compreendida dessa maneira, a divisão do trabalho provém da perfeita solidariedade. Ela só é verdadeira se sua origem é absolutamente espontânea e se, em um trabalho coletivo, cada um escolhe alegremente sua parte segundo suas forças, sua natureza, seu capricho do momento, suas conveniências, pois a perfeição do trabalho não pode realizar-se sem um acordo sincero das vontades e a adaptação mútua das diversas aptidões. Que trabalhos admiráveis e, ao mesmo tempo, que festas do espírito e do coração são as obras executadas com entusiasmo entre amigos que lêem nos

olhos uns dos outros sobre qual instrumento é preciso pôr a mão, e que força, que amplitude convém dar ao movimento de seus músculos! Pensa-se que não são outros além dos assalariados, os operários, que, em dois anos ou até mesmo em dezoito meses, conduzem a bom termo os modernos "lebréus dos mares"[3]! Gerações de trabalhadores das construções navais foram necessárias para que pudessem edificar-se, com uma rapidez sempre crescente e uma precisão absoluta, cidades flutuantes cada vez maiores, às quais confiam a cada viagem milhares de pessoas. É indispensável que cada ser, tomando parte nesse trabalho gigantesco, coloque nele toda a sua inteligência e seu devotamento. O que dizia Baker, o engenheiro-chefe da ponte do Forth[4], falando dessa obra, ainda em construção, em uma reunião de acadêmicos? "Essa ponte — que comporta três arcos de seiscentos metros cada um — é essencialmente uma obra de trabalhadores, porque o sucesso depende tanto da engenhosidade e da inventividade individuais e coletivas dos operários quanto dos conhecimentos científicos dos engenheiros e da organização preparada pelos chefes dos canteiros. Não se poderia crer quantas vezes, em uma construção tão nova como

[3] Clíperes: veleiros muito rápidos. (N.T.)

[4] Ponte ferroviária sobre o rio Forth, na Escócia. (N.T.)

esta, os trabalhadores tiveram de aplicar sua própria inteligência — no próprio instante, sem esperar instruções de ninguém — para resolver dificuldades imprevistas; foi graças a esse espírito inventivo de todos os participantes que a obra pôde ser continuada e efetuar-se sem acidente".

Por outro lado, que miserável trabalho esse no qual os mestres dividem a obra sem estimar, até mesmo sem bem conhecer, os operários, no qual os contramestres brutalizam e enganam o trabalhador, em que este, sem ter outro objetivo senão seu salário, esforça-se sem gosto e sem amor. É assim que se chega a edificar construções inutilizáveis ou mortíferas, fabricar pontes de má qualidade e de má construção, que o vento das tempestades arrasta como uma tela rasgada[5]. A particularidade da divisão do trabalho e seu ideal é não apenas o aumento da produção, mas sobretudo "tornar solidárias as funções divididas"[6]. Ora, por uma estranha contradição, ela tem por resultado estragar, perverter a produção, separar os colaboradores em castas inimigas.

Prosseguindo a divisão forçada do trabalho, considerando-a como um objetivo a ser alcançado, não só para aumentar os produtos como também para se-

---

[5] Ponte do Tay, que desmoronou em 1879.

[6] Émile Durkheim, *De la division du travail social*.

parar os operários, isolá-los uns dos outros, assegurar seu próprio poder pela dispersão das forças adversas, a indústria moderna, bem como o funcionamento das instituições governamentais, chegaram a tornar impossível, às vezes, o acordo dos órgãos que pensam ou que crêem exercer o pensamento e daqueles que realizam o trabalho material: "Poupa-te de raciocinar, isso é meu negócio!". Tal é, sob diversas formas, a linguagem falada em quase todas as fábricas, em todos os escritórios, conquanto o patrão inteligente seja forçado a reconhecer que essa divisão é nociva à necessária coesão entre os elementos constitutivos da obra. Uma máquina jamais seria construída se o inventor não empregasse senão operários absolutamente especiais para cada tarefa, para limar, aplainar, cortar, cavilhar, e que não tivessem qualquer visão de conjunto. Ela só chegará a bom termo se todos tiverem diante dos olhos do espírito a imagem de um mecanismo completo.

Lembremo-nos da sinistra profecia de Adam Smith[7] ao declarar que, pelo fato da divisão do trabalho e da inevitável repetição dos procedimentos aos quais os operários encontram-se condenados, sua inteligência forçosamente se atrofiará e tornar-se-ão "tão estúpidos e ignorantes quanto uma criatura hu-

[7] *Riqueza das Nações*.

mana pode tornar-se"; do mesmo modo, suas faculdades morais entorpecer-se-ão, eles serão "incapazes de entabular qualquer conversação razoável, experimentar qualquer afeição terna, generosa ou nobre, e, por conseqüência, formular qualquer juízo saudável em relação à maioria dos deveres, inclusive os mais comuns, da vida privada".

Essa profecia só se realizou parcialmente porque a evolução da indústria moderna, crescendo continuamente em velocidade, traz com ela mudanças bastante rápidas para comportar a educação dos operários. Como em qualquer outro fenômeno histórico, as conseqüências dessa evolução fazem-se sentir duplamente, em progresso e em retrocesso. Houve progresso na introdução cada vez mais geral e completa do maquinismo, não só em conseqüência do enorme crescimento das riquezas, como também por causa da participação de um número de operários cada vez maior à ciência da mecânica e a todos os conhecimentos que a ela se ligam: eletricidade, química, trabalho dos metais; os trabalhadores instruídos tornam-se legião e as escolas industriais multiplicam-se para eles[8]. Começa-se a perceber que cada trabalhador sério deveria possuir a fundo a ciência — ou as

---

[8] Louis de Brouckère, *Conférence au groupe des Étudiants collectivistes de Paris*, 30 de maio de 1899.

ciências — da qual seu trabalho cotidiano é uma manifestação. O antigo termo de "desclassificado" perde sua significação, ou ao menos ao lado do aluno do liceu, filho de burguês, que *desce* ao nível de operário, situa-se o operário, filho de operário, que se educa para tornar-se um operário melhor. Pouco a pouco a síntese dos trabalhos intelectuais e manuais impõe-se, a ciência torna-se ativa, e aproxima-se o momento em que o cartógrafo será um perfeito geógrafo, o químico desempenhará o papel do profissional que trata do esgoto, o ferreiro estará a par dos progressos da metalurgia.

Mas ainda não estamos lá, senão para uma ínfima minoria: enquanto os engenheiros da máquina aprendem e elevam-se ao primeiro plano entre aqueles que pensam, outros operários, reduzidos ao simples papel de engrenagens vivas da máquina, maquinistas, instaladores de fios, costuradoras e cardadoras, condenados a repetir o mesmo movimento milhões, bilhões de vezes, chegam a ponto de não ter mais do que aparência de vida: a raça encontra-se, inclusive, atingida em seu princípio, porquanto as mulheres, as crianças, todos aqueles que a fraqueza física obriga a contentar-se com salários insuficientes, são designados por esses trabalhos de embrutecimento e esgotamento. Quantas cidades e distritos dos quais a população perdeu em beleza, em força e

inteligência, em alegria e moralidade! Respirando durante as belas horas do dia e, às vezes, no trabalho noturno, durante as horas destinadas ao sono, um ar impuro, até mesmo envenenado; absorvendo uma alimentação amiúde insuficiente, quase sempre mal preparada, milhões de criaturas, dispersas em nossos países civilizados, só têm uma vaga semelhança com uma amostra exitosa da raça humana. Quantas famílias debilitam-se, rebaixam-se e efeiam-se, atormentadas, devoradas pela miséria, pelo excesso de trabalho e aguardente, por uma existência contrária à natureza[9]!

É certo que, em nossos dias, o operário, mesmo reputado livre, trabalha "muito tristemente" em comparação com artesãos de tempos passados que realizavam o trabalho correspondente: ao menos estes tinham o ritmo, se não a música, para apoiá-los, encorajá-los, fazer-lhes perder a consciência de seu demasiado penoso labor[10]. O flautista ou o timpanista abrandava o trabalho até mesmo do escravo, enquanto em nossos dias o silêncio absoluto tornou-se a lei do operário da fábrica ou da fiação: em muitas oficinas o contramestre não tolera nem mesmo que o trabalhador cantarole ou assobie. Só a onipotência

---

[9] Arsène Dumont, *Étude sur Lillebonne*.

[10] Karl Bücher, *Arbeit und Rythmus*.

do hábito quis que se tolerasse a estranha cantilena dos marujos girando o cabrestante e, nas padarias onde a preparação da massa faz-se ainda à mão, os gemidos dos padeiros.

A fim de adestrar, dominar mais facilmente os operários, e ao mesmo tempo reduzir o salário, não cessaram, desde as origens da grande indústria, de reduzir nas manufaturas o número de homens adultos e substituí-los por mulheres e crianças: desde que a rotina do trabalho tornou-se fácil e limita-se a seguir por movimentos tornados reflexos o vaivém da máquina, a mulher, a criança, tornam-se as engrenagens humanas do vasto mecanismo. Sabemos quais são suas fatais conseqüências nas regiões industriais: a mulher perde sucessivamente seus filhos, vê perecer nela as fontes da vida e morre de fadiga bem antes do tempo normal.

Os próprios progressos, no que eles têm de mais grandioso e mais arrebatador, as grandes descobertas, por exemplo a aplicação de novas forças, o emprego de máquinas e procedimentos engenhosos que se substituem ao trabalho humano, são amiúde para os operários causas de infortúnio e miséria. Sem dúvida, essas descobertas devem ter por conseqüência última aliviar o homem em suas tarefas penosas; enquanto se aguarda, elas ampliam o domínio da indústria e fazem nascer todo um mundo de invenções que permitem especializar e diferenciar o trabalho em mil ramos impre-

vistos. A variedade dos ofícios cresce igualmente, e, inclusive, em tais proporções que as estatísticas enumeram agora nas grandes cidades milhares de profissões diversas lá onde, um século antes, contavam-se no máximo uma ou duas centenas. Mas a transição faz-se sem acomodar os interesses de todos: se o inventor era um associado, sua descoberta beneficiava todo o grupo social: mas ele se encontra diante de dois corpos inimigos, patrões e operários. Ora, seu próprio interesse imediato leva-o a dirigir-se ao patrão porquanto este o pagará, enquanto os trabalhadores, pensando no pão de seus filhos, apressar-se-ão para quebrar a máquina. Tal procedimento, tal nova engrenagem introduzida em uma fábrica equivale a uma arma carregada causando a debandada em uma multidão demasiado compacta dos trabalhadores.

Assim, compreende-se facilmente o ódio que se apodera dos operários contra todas as invenções "diabólicas", "mortíferas", no entanto, obras gloriosas do gênio do homem. Inúmeras revoltas foram causadas e, por sinal, muito legitimamente, pela introdução no organismo industrial de descobertas marcando uma das grandes etapas da humanidade. Desse modo, o primeiro "caminho traçado" da Bélgica, aquele que se construiu em 1829, das minas do Grande Hornu ao canal de Mons, foi completamente destruído no ano seguinte pelos mineiros, carroceiros e trabalha-

dores braçais da região[11]. Outras revoltas da fome, determinadas pelo progresso industrial, ocorreram em todos os países do mundo, sobretudo na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Alemanha, e, mais poderosa do que a revolta, a resistência lenta, silenciosa, tenaz, metódica de muitos corpos de ofício pôde por muito tempo impedir a adoção nas fábricas de excelentes procedimentos reduzindo o número dos indivíduos necessários no trabalho. Assim, os compositores e os impressores, que a confecção e a manipulação do livro colocaram entre os mais inteligentes dos operários, souberam defender-se sem ceder quase nada durante meio século contra os teclados e outros instrumentos imaginados para substituir mecanicamente o trabalho do homem; enfim, a máquina venceu, e os trabalhadores perceberam que ela não lhes podia fazer concorrência para toda obra demandando zelo e inteligência.

Outras revoluções industriais são causadas pelas fantasias da moda, pelas mudanças de hábitos e costumes, e, de uma maneira geral, pelas modificações do meio econômico. Essas transformações são tão bruscas, às vezes, que é impossível aos fabricantes, mesmo ricos, acomodarem seus estabelecimentos a elas pela compra de um novo equipamento: é a falên-

---

[11] Edmond Peny, *Revue des Traditions Populaires*, 1895, p. 555.

cia para o patrão, o desastre absoluto para os operários. Assim, quando os químicos encontraram o meio de extrair da hulha todas as cores e nuances que derivam da anilina, o uso da garança tornou-se inútil e, ao mesmo tempo, uma mesma ruína abateu-se sobre os agricultores que cultivavam a planta e sobre os industriais que a tratavam para a fabricação. Da mesma maneira, os plantadores e os artesãos especiais tiveram de sofrer quando a indústria aprendeu a dispensar o azul do índigo. Não há especialidade no trabalho humano que não se ressinta dessas reviravoltas repentinas, e como os países mais distantes encontram-se ligados às mesmas empresas, uns pela produção da matéria-prima, os outros pelo tratamento industrial desse produto, cada ordem transmitida pelo gosto ou pelas necessidades cambiantes do público repercute-se de mundo em mundo, de um lado até a República Argentina, do outro até o Império do Sol Nascente e, segundo o estado dos mercados e a natureza das produções locais, faz surgir ou periclitar as fortunas, dobrar ou reduzir os salários.

Até em época recente, a grande indústria estava localizada em alguns países privilegiados. Nascida principalmente na Inglaterra, embora se possa constatar seus elementos de formação nos outros países da Europa ocidental, ela de início desenvolveu-se na vizinhança imediata de tal ou qual grande porto, que po-

dia entregar-lhe a matéria-prima ao melhor preço, por exemplo, o algodão dos Estados Unidos ou o mineral da Suécia ou da Espanha, e próximo de uma jazida de hulha onde obtinha o combustível a baixo preço e em quantidade sempre suficiente. Mas o capital, à espreita de novas fontes de enriquecimento, logo tratou de encontrar lugares tão favoravelmente situados em outras regiões da Terra. Às fiações de Manchester, na Inglaterra, responderam do outro lado do oceano aquelas de New Manchester, na Nova Inglaterra; em seguida, na França, aquelas de Rouen; na Alemanha, as fiações da Silésia; e de etapa em etapa através do mundo, aquelas da Índia, da China, do Japão. Por toda parte estabeleceram-se linhas ferroviárias entre as minas de carvão, os portos e as grandes cidades para fundar as fábricas em locais de acesso mais cômodos para o trabalho e para a venda. A rede das vias de comunicação crescendo de ano a ano, as condições de igualdade entre os produtores aumentavam em proporção nos diferentes países. Leis de proteção alfandegária, estabelecidas em proveito dos industriais, tinham por objetivo "patriótico" deter na fronteira os produtos estrangeiros para facilitar a venda dos produtos nacionais.

O combustível mineral constitui tal vantagem para a indústria que as fábricas e dependências deveriam forçosamente, segundo parece, agrupar-se em

torno das bacias hulhíferas. No início do século XX, foi assim que se repartiu o trabalho. As cidades industriais espremem-se na vizinhança das minas: a população nelas amontoa-se em multidões densas sobre um solo enegrecido pelos resíduos do carvão, sob um céu fuliginoso onde se busca em vão discernir o sol. Mas o estudo mais aprofundado das forças da natureza suscita atualmente novos servidores à indústria humana: água que se precipita das montanhas é, assim como a hulha, produtora de energia e transforma-se em movimentos inumeráveis para dar forma à matéria. O industrial começa a deslocar-se; novas cidades surgem nos vales dos montes no meio de pastos e florestas; os rudes operários sucedem-se aos pastores e lenhadores. Infelizmente a natureza muda ao mesmo tempo: as torrentes são represadas; as agradáveis cachoeiras desapareceram ou delas só caem magros filetes sobre as rochas que as águas haviam desgastado; enormes condutores de água exibem, como os dragões, seus anéis de fundição nas profundas entranhas do solo, sobre os viadutos e os muros de sustentação; redes de fios entrecruzam-se no ar. Muitas regiões dos Alpes suíços e franceses, do Jura, da Escócia, da Suécia, da Finlândia, do Canadá perderam sua majestade solitária para tornar-se formigueiros de homens que atacam brutalmente os flancos da montanha, escavando, perfurando e devastando sem mé-

todo aparente e, até o presente, sem preocupação com a beleza. Aos pequenos moinhos tranqüilos cuja roda girava lentamente sob o filete de uma água murmurante substituíram-se as grandes construções nas quais se abismam todos os cursos d'água dos arredores servidos por um grande número de córregos.

Um movimento econômico análogo, todavia bem mais considerável, provocará o deslocamento das multidões industriais quando descobrirem os meios práticos para utilizar a força motriz produzida pela alternância do fluxo e do refluxo, e que, aos miseráveis jogos de mós acionados pelo vaivém das marés, como se vê próximo a Saint-Jean-de-Luz, em certos estuários da Bretanha e em Euripo na Eubéia[12], substituir-se-ão gigantescos laboratórios tendo a seu serviço milhares de cavalos-vapor e fazendo o trabalho por milhões de toneladas simultaneamente.

As revoluções industriais obedecem também a outras causas além das puras condições econômicas; elas são igualmente determinadas por fatos de natureza normal pertencendo ao conjunto da vida das sociedades. Podemos encontrar um exemplo desses fenômenos na crise belicosa que a Inglaterra acaba de atravessar recentemente. No movimento ascendente da

[12] O estreito de Euripo separa a ilha de Eubéia (Grécia) do continente (N.T.)

grande indústria inglesa, representada sobretudo por Birmingham e pelas cidades circundantes, o ano de 1873 marca o apogeu. Foi neste ano que a Inglaterra exportou o máximo de máquinas e objetos manufaturados; parecia que, se o trabalho da imensa forja houvesse estancado bruscamente, o mundo teria sido privado de vida repentinamente. Mas outras fábricas abriram-se em toda a superfície do continente e das ilhas, da Argentina ao Japão, e, nesses novos estabelecimentos, não se limitavam a imitar as fabricações inglesas; engenhavam-se também em fazer melhor. Birmingham perdeu sucessivamente seus antigos mercados, e é em grande parte para conquistas novos que essa cidade industrial fez-se "unionista", de "radical" que havia sido. Enquanto contou com sua iniciativa e sua energia, enquanto a engenhosidade de seus artesãos, a infinita variedade de seus produtos haviam-lhe assegurado a prosperidade e a riqueza; ela havia ignorado ou desprezado as antigas famílias nobres e rotineiras vivendo no orgulho de seu passado: porém, quando seus negociantes, tendo por sua vez se tornado ricos, perderam a audácia, o espírito de empreendimento, o amor ardente pelo trabalho, a sobriedade da vida, eles mudaram de princípios e de política: acomodaram-se ao luxo, e, educando seus filhos com os filhos dos lordes, e até mesmo de modo mais pródigo, deixaram-se tomar pela inveja; eles, cujos

pais haviam tão duramente trabalhado, quiseram, conquanto dirigindo suas casas de comércio, imitar aqueles para quem a fortuna vem enquanto dormem.

Mas para bem conduzir os negócios ostentando o ócio do gentil-homem, é preciso dispor dos favores e do monopólio, possuir locais de mercado que a concorrência não invade, dispor em toda segurança do porvir. A partir daí, fim de discursos entusiastas em favor da livre-troca! Fim de brindes à fraternidade humana! Exalta-se doravante não mais o *free trade* — a livre troca — mas o *fair trade* — a troca honesta —, isto é, o comércio que proporciona os lucros tradicionais; reivindica-se como um movimento de trocas absolutamente conforme aquele que se faz entre a metrópole — *Little Britain* — e o mundo colonial — *Greater Britain* —. Todavia, por mais vasto que seja, o conjunto das possessões britânicas é, contudo, insuficiente para fornecer os lucros desejados; são necessários outros domínios, novos locais de consumo para as mercadorias de toda espécie. Ora, como satisfazer todas essas ambições sem se tornar ao mesmo tempo patriota, imperialista, *jingo*[13], belicoso? Encontra-se na guerra uma dupla vantagem: aquela de ter de civilizar os bárbaros — isto é, criar-lhes neces-

[13] Patriota exaltado inglês, que tem aversão pelo estrangeiro. (N.T.)

sidades que se pagarão de modo muito caro —, e aquela outra de fornecer ao exército dessas munições sem fim que fazem agora de cada conflito a mais frutuosa das operações comerciais. Tal foi a evolução natural que a grande expansão do imperialismo britânico produziu ao final do século XIX, e que levou a Inglaterra a lançar-se, ela também "de coração leve", na implacável guerra da África austral. Joseph Chamberlain[14] — ou mais familiarmente Joe —, o negociante novo-rico que serviu de piloto à nação nessa terrível aventura, foi o homem-tipo desses acontecimentos surpreendentes em que se viu a Grã-Bretanha tentar deter seu movimento de decadência pela conquista de um continente e pela constituição de um império mundial infrangível[15].

Todos esses vaivéns, todos esses deslocamentos industriais fazem uma parte cada vez mais considerável das nações entrar na fase do grande trabalho associado. Pode-se inclusive dizer, de um modo geral, que o domínio da máquina operária estende-se ao mesmo tempo que a rede das ferrovias; cresce com cada giro de roda de locomotiva sobre uma via recém-inaugurada. Nas regiões recentemente abertas à civilização

---

[14] Um dos mentores da Guerra dos Bôeres ou Guerra do Transvaal. (N.T.)

[15] Victor Bérard, *Revue de Paris*, 15 de janeiro de 1899.

material, os progressos são ainda mais rápidos porque não há restos de um incômodo passado a varrer; pode-se começar a trabalhar de imediato sem lesar antigos interesses salvaguardados por tratados, hábitos de conveniências e pelo respeito tradicional. Assim, o viajante que desembarca no Novo Mundo, é surpreendido quando, em uma cidade de recente fundação, mal surgindo do pântano ou da floresta, tal como Juiz de Fora ou Belo Horizonte, ele vê todo um magnífico aparato de edilidade confortável e luxuoso que ainda faltará por muito tempo às cidades veneráveis da Europa, gloriosas e civilizadas há séculos, tais como Sens, La Rochelle ou Montpellier, Louvain ou Oxford.

O movimento que o mundo moderno provoca em sua órbita produziu-se de uma maneira tão rápida que a Rússia — para citar apenas a nação da Europa mais poderosa numericamente — não se deu o trabalho de percorrer as vias habituais da civilização histórica; ela tomou, por assim dizer, atalhos. Há menos de um século, o imenso império só tinha trilhas traçadas pelos passos dos homens e os largos caminhos riscados por sulcos que serpenteiam nos campos e nas estepes: a primeira estrada calçada foi construída dez anos depois da retirada de Moscou[16], em 1822, entre

---

[16] Napoleão Bonaparte retira-se de Moscou em outubro de 1812. (N.T.)

São Petersburgo e Strelna. O país deu-se toda uma rede de ferrovias bem antes de ter um conjunto suficiente de estradas carroçáveis. Do mesmo modo, criou-se todo um aparato de grande indústria antes de possuir uma classe operária. A fábrica surgiu tão bruscamente que "a indústria e a agricultura ainda não puderam separar-se". O operário russo não foi completamente arrancado da terra como na Europa ocidental; ele entra no proletariado industrial antes de ter saído do proletariado rural. As fábricas de Vladimir, Kiev, Ekaterinoslav só empregam o operário durante uma parte do ano, e, durante uma outra parte, ele permanece subjugado aos trabalhos agrícolas, "subjugado", pois em ambos os casos seu salário permanece miserável[17].

Desde os trabalhos de Karl Marx, parece admitido universalmente que a indústria, bem como as outras formas da riqueza, concentra-se gradualmente em um número de mãos cada vez menor, e que, automaticamente, pode-se dizer, os "instrumentos de trabalho", a imensa acumulação de instalações e ferramentas, cairão, assim como um fruto demasiado maduro, em posse da classe operária. De fato, um aspecto da história contemporânea dá razão ao teórico do socialismo, mas outras evoluções, apenas sensíveis em

[17] Paul Louis, *Revue Blanche*, 15 de outubro de 1899.

sua época, desmentem parte de sua argumentação. Mesmo em nossa velha Europa, não há fato mais evidente do que a enorme preponderância adquirida na vida de cada dia pela grande loja, pelo empório das confecções, pelo mobiliário, pelos comestíveis, que a cada ano ampliam-se, enchendo edifícios mais vastos, subjugando empregados mais numerosos. Ninguém ignora que as grandes empresas, minas, usinas metalúrgicas, ferrovias, bondes e ônibus, construções marítimas, companhias de gás, sociedades de seguro, expedições coloniais etc., são dirigidas por um número assaz restrito de financistas e industriais; um regime de "entendimentos" entre grandes produtores fixa internacionalmente o preço da siderurgia, ferros e aços; tais produtos de primeira necessidade, sobretudo entre os produtos químicos, são praticamente monopólios. Mas foi nos Estados Unidos que o fenômeno desenvolveu-se em toda a sua amplitude: lá, o sindicato de indústria é a regra; o aço, o cobre, as ferrovias, o petróleo etc., têm seu *rei* mais poderoso do que muitos príncipes coroados. Um grupo de bilionários controla a produção, a distribuição, e, além disso, a política, enfim, o que há de mais elevado na humanidade, a ciência e a arte. Todo um estado-maior de homens de ciência vendem-lhes fórmulas, elogios e projetos; artistas preparam-lhes museus. Tal indivíduo, enriquecido pela exploração de-

senfreada dos imigrantes europeus, porta sua glória ao ápice fundando bibliotecas públicas e oferecendo órgãos às igrejas; um outro grande homem faz com que esqueçam milhões de cadáveres que a opinião pública atribui-lhe pela compra de um Rafael que servirá de insígnia a seu antro.

No entanto, a pequena indústria não morreu, tanto quanto o pequeno comércio. Se a grande fábrica reserva-se a produção do artigo corrente, de venda segura, ela deixa de bom grado a seu humilde rival a nova invenção, com a possibilidade de apoderar-se dela se a tentativa lograr êxito; por outro lado, ela não pode dobrar-se às condições de pressa e imprevisto que exige a manutenção cotidiana. Para uma fábrica de automóveis, quantas pequenas oficinas de reparo surgiram em todos os pontos do território! Ao lado da indústria sistemática, a indústria nascente e a indústria disseminada respondem às necessidades e não temem a concentração do capital, que desdenha delas. O mesmo em relação ao comércio: a existência dos bazares onde se pode comprar de tudo: manteiga, calças e carro, não impede que em toda parte onde se edifica um grupo de casas, em todos os lugares onde um tentáculo urbano alonga-se em cerca de cem metros, abrem-se de imediato a padaria, a mercearia, a frutaria e a leiteria. O trabalho de repartição efetua-se de uma maneira infantil; todavia, até

o presente, é o pequeno comércio que se encarrega disso.

Certamente, comparando a situação dos países civilizados em 1850 e em 1900, vê-se de imediato que a escala das fortunas verticalizou-se muito; a diferença entre os famintos e os ricos é imensamente maior do que outrora: os bilionários substituíram os milionários, mas a classe intermediária não se atrofiou absolutamente. Qualquer que seja a fonte principal de seus salários, profissões liberais, funcionarismo, rendas do Estado, lucros do comércio e da indústria, propriedade fundiária, com ou sem construções, enfim, que ela seja detentora efetiva dos títulos de sociedades anônimas, a burguesia — a pequena e a alta burguesias — não desapareceu. Ao contrário, ela não cessou de crescer e prosperar desde meado do século XIX. Aguardando a elaboração de uma teoria que leve em conta esses fatos, é preciso afirmar que os fenômenos são mais complexos do que se pensava em 1840, inclusive em 1870. O socialismo não representa mais a luta como unicamente engajada em torno de vantagens materiais, pois, em número de casos particulares, podemos perguntar-nos se o indivíduos tendo interesse pecuniário na manutenção da sociedade tradicional, ricaços, pessoas que vivem de rendas, funcionários e sua clientela que nunca se interessou por questões de dignidade hu-

mana, podemos perguntar-nos se essa burguesia e seus criados não formam a maioria. É a solução de outros problemas ardentemente discutidos, é a busca de um ideal, é a evolução moral que fará pender a balança para o mundo dos trabalhadores.

Enquanto se espera, a indústria e o socialismo rudimentar desenvolveram-se paralelamente ao mesmo passo e, em qualquer país que seja, país velho ou país novo, a indústria ainda resta sempre compreendida como uma luta de interesses entre o capitalista que financia o trabalho para extrair o maior lucro possível e o operário que humildemente oferece seus braços e pede um salário em troca, em vez de uma parte nos lucros do trabalho como pareceria natural. De acordo com o próprio contrato, os interesses são opostos: a guerra é, portanto, fatal, constante, seja em estado dormente ou declarado. Assim, o chefe de fábrica toma suas precauções contra aqueles por ele comandados e que, embora tendo função de colaboradores, não deixam de ser inimigos presumidos: ele nomeia contramestres, vigilantes, até mesmo delatores; recebe relatórios oficiais e secretos. Por outro lado, os operários têm seus "líderes", suas reuniões, suas senhas, e elaboram seus planos de resistência e combate. Às vezes, e nestes últimos anos de uma maneira quase normal, a intervalos regulares e previstos, a batalha eclode: por causa dos salários, que os patrões

querem reduzir e do qual os operários reivindicam o aumento; por causa da jornada de trabalho, que uns querem mais longa e os outros mais curta, ou, ainda, por causa de uma questão de dignidade humana ou de solidariedade, a guerra eclode e a fábrica esvazia-se de seu exército de trabalhadores. Ora estes últimos tiveram a iniciativa e fizeram greve; ora os representantes do capital anteciparam-se e procederam por demissões e fecharam as portas das oficinas. Em conseqüência das mil condições diversas dos locais de trabalho e dos mercados, os conflitos variam de aspecto, mas, de hábito, eles opõem forças desiguais. Os operários são a massa, é verdade, mas eles não têm recursos financeiros: se os companheiros, tão pobres como eles, não lhes vêm em auxílio; se o público, convencido de seu bom direito, não os apóia com a onipotência da opinião, eles vêem a fome aproximar-se a cada dia; são obrigados a fugir de suas famílias para não ouvir as queixas e os gemidos, enquanto os patrões, vexados porque seus lucros secaram por um tempo, não deixam de conservar todo o conforto da vida. Eles podem esperar: a fome está sempre a serviço do capital, e é um agente que não lhe custa nada[18]; eles podem esperar... a menos que a greve não se transforme em revolução.

---

[18] Gizyski, *Soziale Ethik*.

É para evitar esta última alternativa — a mais natural, porquanto os operários têm o número a seu favor e não têm qualquer motivo para desprezar sua própria força, chamada de violência quando ela não está arregimentada a serviço do Estado — que os capitalistas, proprietários de fábricas, ligam-se tão estreitamente com os detentores do poder, que, por sinal, pertencem em grande maioria à mesma classe, ao mesmo mundo; os ricos e os poderosos são sempre aparentados e, em todas as importantes assembléias deliberantes, os detentores da fortuna pública tomam assento pessoalmente ou, mais amiúde, enviam seus admiradores, verdadeiros serviçais encarregados de transformar as vontades ou os caprichos do mestre em artigos de lei. Como não se dedicar para satisfazer os desejos dos homens que, pelo dinheiro, dispõem de todos as vantagens da existência, e podem reparti-las com quem lhes apraz? Em seus conflitos com os operários, os distribuidores do trabalho têm, pois, o exército a seu serviço. Assim que elaboraram seus planos para a redução dos salários, o aumento do tempo de trabalho ou qualquer outra combinação favorável a seus interesses, eles advertem o governo, "cujo primeiro dever é garantir a ordem", e batalhões, esquadrões, baterias logo vão em defesa deles contra todo ataque possível de seus operários irritados.

Sem exército permanente, sem milícia burguesa, a organização atual da grande indústria seria absolutamente impossível: os trabalhadores logo se tornariam os senhores da fábrica.

Se os grandes industriais fazem o exército montar guarda diante de seus castelos e de suas fábricas, eles fazem questão igualmente de dispor do arsenal das leis, interpretadas em seu benefício. Embora a escravidão tenha sido abolida oficialmente, não lhes desagradaria absolutamente restabelecê-la, assim como o mostra claramente o exemplo da América do Norte, onde, contudo, a emancipação dos negros foi solenemente proclamada. Evidentemente, os filhos de plantadores, dominados pelo preconceito hereditário, regateiam as condições da liberdade que eles foram obrigados a reconhecer, e buscam o melhor possível construir suas chusmas atuais sobre o modelo do tempo passado; do mesmo modo, os diretores das companhias de minas e de metalurgia que foram fundadas nos Estados de Tennessee, Geórgia, Alabama, apressaram-se para copiar os antigos costumes, e os acampamentos de seus operários negros assemelham-se singularmente aos campos dos precedentes escravos; além disso, disseminou-se o hábito de fazer os prisioneiros civis trabalharem em benefício dos industriais e, em muitos distritos, os magistrados, associados dos industriais e nomeados graças à sua influên-

cia política, entendem-se com eles para recrutar inúmeros delinqüentes e condená-los a longas penas: desse modo, os chefes de fábrica têm a seu serviço todo o pessoal desejado, bastando que o sustentem dando uma aparência de salário e submetendo-o a uma disciplina militar, sob a vigilância dos carcereiros do Estado. É da mesma maneira, embora, talvez, de forma menos brutal e com mais formalidades legais, que procedem nas minas de níquel da Nova Caledônia.

Um outro exemplo da luta levada até a ferocidade entre patrões e trabalhadores é aquele fornecido pelas minas de ouro e de pedras preciosas. Esses campos de tesouros naturais exercem sobre a imaginação uma influência mágica, e, contudo, ilusória[19], pois, guardadas todas as proporções, os lucros médios dos trabalhadores que se precipitam aos "Pactolos"[20] são muito inferiores àqueles que produzem as outras indústrias. A perda em vidas humanas e em esforços inúteis é enorme nos êxodos repentinos que se voltam para os terrenos auríferos ou diamantíferos. Antes de fixar-se como trabalho regular, a busca do ouro

---

[19] Hugh Robert Mill, *Scottich Geographical Magazine*, março de 1900.

[20] Fonte de riqueza, de lucro. Reporta-se ao nome de um rio da Lídia onde rolavam pepitas de ouro. (N.T.)

começa como um jogo, como aquele de Mônaco, mas bem mais dramático e caro. E, quando a indústria entrou em seu curso normal de rendimento em proveito de alguma companhia, amiúde a subjugação dos operários pouco difere da escravidão. Em nenhum lugar a sociedade de forma plutocrática assumiu uma característica mais bem determinada do que em Kimberley, a cidade dos diamantes, e em Joanesburgo, a cidade do ouro: ali, um senhor ditou suas vontades. O procedimento empregado anteriormente à guerra anglo-bôer em relação à mão-de-obra negra era extremamente simples; de resto, embora aplicado agora a trabalhadores diferentes, permaneceu o mesmo. Por meio de um sistema de recrutamento permitindo-lhe fixar as condições de engajamento[21], a Companhia buscava cafres que eram encerrados por três meses num *compound*, quadra de barracas de folhas-de-flandres, cercando uma piscina. Uma enfermaria, uma farmácia, uma loja onde se pode comprar o que a Companhia permite vender, enfim, alguns barracões e depósitos completam o acampamento. Durante o tempo de cativeiro, o trabalhador é afastado de toda comunicação com o exterior; todo dia examinam suas vestes e examinam os orifícios de seu corpo; aquele dentre eles que manipula a terra de diamantes deve apren-

---

[21] G. Clemenceau, *Cafres de tous pays*, 26, V, 1895.

der a servir-se apenas de mitenes sob a vigilância dos brancos. Enfim, só deixam a prisão depois de serem submetidos a uma forte dose de óleo de rícino. Esse sistema foi aperfeiçoado. A mão-de-obra indígena sendo, segundo parece, insuficiente, são, desde a guerra do Transvaal, chineses que trabalham no Rand[22] [23]: uma grande continuidade foi obtida ampliando a duração de engajamento a três anos; por outro lado, a distância que separa esses operários do corpo de sua nação dá muita segurança aos proprietários e diretores de minas: estes antes podiam temer que a população negra, cinco ou seis vezes mais numerosa do que os brancos, tomasse ciência de sua força e escolhesse a via da rebelião. Quanto aos operários de sangue europeu, eles habitam um bairro luxuoso, cômodo, elegante, composto de belos casarões; mas não são mais livres: eles também têm de prestar contas de sua conduta, de suas opiniões, de suas idéias; seu voto pertence ao patrão sob pena de demissão[24].

A brava gente que deplora a "luta de classes", sem ocupar-se de proporcionar um remédio a ela, cita com complacência o dinheiro do qual se privam os

[22] Em número de 50.000, em 1906.

[23] Witwatersrand ou "The Rand", para os ingleses, o maior campo de ouro do mundo, a 50 quilômetros de Pretória, África do Sul. (N.T.)

[24] S. Passarge, *Globus*, 3 de fevereiro de 1900.

trabalhadores ao declararem a greve. De fato, os salários abandonados a cada ano chegam a produzir somas elevadas; elas são, contudo, ínfimas comparadas ao resultado de um outro cálculo: ninguém, exceto os operários, ousa computar o que eles perdem durante os períodos de atividade por causa de salários inferiores ao "produto integral do trabalho". Portanto, a tática operária, considerada do ponto de vista estritamente pecuniário, resulta geralmente em um benefício, a despeito das privações de toda natureza que a cessação do trabalho acarreta. Quanto ao que "deixam de ganhar", por causa da greve, aqueles que "mandam trabalhar", eles silenciam de bom grado para não ter de confessar o montante.

É evidente que, obedecendo a esse furor do interesse privado que faz ver inimigos nos operários e nos empregados, os senhores da indústria causam-se grande mal, perdendo inclusive esse dinheiro que estão tão ávidos para ganhar. De início, o ódio que temem não deixa de persegui-los e dá lugar algumas vezes a terríveis dramas; no entanto, tendo sempre de prosternar-se humildemente diante deles, uma coisa ao menos é certa: os operários não colocam em seu trabalho a paixão de fazer bem feito; ele parecer-lhes-á sempre assaz bom, desde que não sejam despedidos, que não tenham de pagar multa ou suportar censuras. Eles não terão nenhum zelo pelo aperfei-

çoamento ou pela beleza do produto sobre o qual põem as mãos; com freqüência, inclusive, eles trabalham sistematicamente para fazer um trabalho ruim, sacrificar a excelência pela aparência; sua má vontade torna todo progresso impossível. Chegam até a punir por algum procedimento secreto aqueles de seus camaradas que têm a ingenuidade de trabalhar demasiado rápido ou demasiado bem. A isso se chama "sabotagem", que tende a tornar-se uma verdadeira instituição, quase um dever de solidariedade operária: não há congresso onde essa maneira de combater o patrão não seja ardentemente recomendada, ainda que ela coloque o assalariado em perigo de perder seu valor profissional.

Na Inglaterra, raros industrias filantrópicos — ou patrões muito prudentes — compreenderam que só há um meio de combater essa tendência odiosa ao aviltamento do trabalho. Esse meio é dar ao colaborador operário uma compensação financeira séria ao trabalho bem feito. Algumas dessas empresas, cujo diretor tomou por tarefa fazer-se amar, tiveram um êxito admirável, demasiado bom, talvez, porquanto elas desviam os trabalhadores da busca de criar obras coletivas que lhes pertencem a eles próprios. Podemos citar, entre essas realizações patronais, as "cidades-jardins" ou *garden cities*, que contrastam maravilhosamente por sua beleza arquitetural, sua higiene e seu

conforto com as fumantes cidades vizinhas. Assim, os 3.500 habitantes de Bourneville só tiveram três óbitos em 1902, enquanto a média da mortalidade em Birmingham, para a mesma população, foi de 66.

A companhia fundada na América do Norte, no começo do século XX, com vistas à constituição de um monopólio universal de todos os trabalhos metalúrgicos, compreendeu muito bem que, para dar o mais largo dos alicerces a seu edifício, era indispensável apoiar-se sobre todos os operários e animá-los de uma ambição coletiva transformando-os em acionistas diretamente interessados. O exército dos trabalhadores desdobra-se de entusiasmo no trabalho vendo a fábrica, a máquina, o bloco de metal como proprietário de uma parte de tudo isso.

Há, portanto, pontos do globo onde o conflito perde sua acuidade, mas eles são excepcionais e a solução das dificuldades não se fará decerto de uma maneira pacífica. De um modo geral, pode-se dizer que a animosidade aumenta entre as partes em luta: o patrão acaba por temer tanto os períodos de trabalho, que constituem uma espécie de "paz armada", quanto a greve, guerra declarada, que ao menos a proteção do Estado é-lhe assegurada. E essa greve, o operário não considera mais o seu sucesso como o coroamento de seus esforços; torna-se um episódio da batalha engajada em todos os lugares; trata-se

bem menos de certas reivindicações explicitadas do que da "expropriação da classe capitalista"; a greve local é uma simples modalidade da "ação direta", um exercício de ginástica com vistas à "greve geral".

No entanto, se a grande indústria pode conseguir, por sua própria imensidão, suprimir a concorrência entre produtores, visto que eles associam-se, e acalmar o rancor dos operários, quando ela os faz participar dos lucros, essa mesma indústria, por mais poderosa que seja, não poderia conseguir conciliar-se com o público, isto é, com o conjunto dos consumidores, a grande multidão daqueles que pagam e que, agora, já não têm o consolo de regatear. O vendedor e o comprador necessitam um do outro, e, contudo, eles são inimigos natos. Ser-lhes-ia inclusive impossível não se odiarem, pois eles buscam enganar-se mutuamente.

A essência do comércio sempre foi a fraude: a fraude baixa, que consiste em mentir sobre a natureza e a quantidade da mercadoria, ou então a fraude de ampla envergadura, que, negligenciando os detalhes, especula sobre as paixões humanas, sobre a vaidade, o orgulho, a luxúria dos compradores, não menos que sobre suas necessidades legítimas. Por exemplo: ora os irmãos Lauder[25] compram 100.000 agulhas

[25] Lauder, *Journal of the Expedition to explore the Niger*, v. 2, p. 42.

para vendê-las aos negros do Sudão sob o pretexto de civilização — sem que ao menos uma única das agulhas tenha o orifício; ora tal indústria, contra a qual a opinião pública não pensa de modo algum protestar, não tem outro objetivo senão o crime, como a fabricação de armas e munição de guerra. Entretanto, sentimentos de reprovação já aparecem aqui e acolá contra os trabalhos insalubres, porque suas conseqüências perigosas ou até mesmo mortais são imediatamente sentidas. Assim, a opinião pública já pôde engajar alguns poderes públicos na proibição do emprego do branco de cerusa, e as destilarias de licores fortes foram suprimidas ou ao menos submetidas a uma legislação severa em diferentes países. Do mesmo modo, as minas foram geralmente saneadas. Todavia, quantas fábricas cujo ar ainda é irrespirável, carregado de elementos de doença e morte! E, enquanto numerosíssimos estabelecimentos industriais só foram fundados com vistas à satisfação de crimes de Estado, de gostos depravados ou de um fausto insolente, as manufaturas onde são fabricados os objetos de primeira necessidade amiúde cessam suas atividades.

Assim, a palavra "superprodução", que pode decerto responder a uma incontestável adversidade ou, inclusive, a um desastre para tal ou qual chefe de indústria buscando um mercado, não é senão uma

cruel ironia quando é tomada em sua acepção natural. Não é o cúmulo do absurdo falar, em relação à agricultura, da superprodução dos cereais quando falta pão a milhões de homens? No mesmo momento em que seus próprios operários não podem renovar suas roupas imundas e rasgadas, o patrão tecelão queixar-se-á ingenuamente da superprodução dos tecidos, e o livreiro arruinado atribuirá a causa de seu desastre à superprodução de livros, enquanto nos países "civilizados" o número de exemplares produzidos não alcança ou mal ultrapassa um volume por ano e por indivíduo! A miséria, a privação extrema e a ignorância, tais são ainda os flagelos que a indústria poderia suprimir se ela tivesse por objetivo o bem-estar de todos e não o enriquecimento de um único indivíduo ou de um grupo estrito de capitalistas.

De seu lado, os trabalhadores não podem gabar-se, mais do que os chefes de fábrica, de visar o interesse público em suas reivindicações. Sem dúvida, eles representam uma parte da humanidade mais considerável e, desse ponto de vista, solicitam de início a atenção dos observadores imparciais; além disso, vivem atualmente sob um regime de opressão e combatem uma classe privilegiada, o que lhes assegura a simpatia daqueles que amam a justiça. Mas quase todos os operários não diminuem sua causa pela simples luta de classes? Os sindicalizados preocupam-se

com os não-sindicalizados? Aqueles que têm sua caderneta em ordem com sua própria corporação defendem alguma vez os interesses dos *sarracenos*[26]? Não deixam para trás, excetuando o círculo das reivindicações, todo um mundo de desclassificados, ladrões, prostitutas, vagabundos, nômades, que têm direito ao renascimento moral, a uma educação sã e ao bem-estar? Enfim, quando eles declaram a greve, por que não mostram a vontade de utilizar seu tempo livre a instruir-se e trabalhar como homens independentes? Que preocupação eles têm para conservar a simpatia do público, que, de hábito, encoraja-os de início sob a constatação da justeza de suas queixas, mas que logo se cansa quando, por conseqüência, ele próprio sofre com a cessação do trabalho? As coisas se passariam de outra maneira bem diferente se os operários revoltados contra seus patrões soubessem, desde o primeiro dia de liberdade, pôr-se a serviço da comunidade civil por uma obra de ampla solidariedade. As ocasiões já se apresentaram sem que se tivesse tido a presença de espírito de aproveitá-las. Assim, os empregados das ferrovias americanas encontraram-se senhores da rede de Illinois e dos estados vizinhos, mas eles deixaram vagões e locomotivas

---

[26] Eram assim chamados na França do final do século XIX os trabalhadores não-sindicalizados. (N.T.)

nos pátios, quando teria sido tão belo organizar verdadeiros trens de prazer em novas condições de preço e conforto, de maneira a deixar de sua greve, se eles saíssem derrotados, uma excelente lembrança à população e, assim, preparar favoravelmente o terreno com vistas às futuras reivindicações. Cada greve poderia tornar-se o ponto de partida de tentativas para as empresas úteis à comunidade.

* * *

O pequeno comércio segue uma evolução paralela à pequena agricultura e à pequena indústria. É evidente que, na evolução contemporânea, o comércio individual com suas lojas, suas tendas de comércio, suas adegas, suas transações efetuadas em pequenas somas, está absolutamente condenado; sua transformação direta em um organismo normal da nova sociedade é impossível. Todos os pequenos lojistas dariam, portanto, uma prova de sagacidade histórica se eles dirigissem sua experiência, sua vontade, o conjunto de suas forças e de seus recursos para o socialismo reivindicador. Sem dúvida, alguns o compreenderam, mas a maioria, educada na estreita preocupação de seus interesses imediatos, não vê, não quer ver de que lado vem o perigo e retorna-se raivosamente contra aqueles que lhes proporcionariam a felicidade. É natural

que as coisas ocorram dessa maneira: o náufrago que vai afundar agarra-se a um bastão flutuante.

As antigas formas da venda a varejo desaparecem assim como desapareceram aquelas do grande comércio de outrora, notadamente as viagens em comum, como estados itinerantes. A palavra "caravana" deriva do persa *kiarvan* ou *kiarban*; significa primitivamente "segurança de negócios", termo que explica suficientemente a origem desse deslocamento coletivo. A associação que se constitui entre interessados para assegurar o sucesso da empresa pode buscar garantir-se contra os perigos de diversas ordens: em certas regiões, são os fenômenos da natureza que devem ser temidos, o calor do dia e o frio das noites, a aridez da terra, a falta de água, a dificuldade dos caminhos, a areia, a duna ou o pântano; em outros países, são os pilhas que devem ser temidos, e, neste caso, a caravana deve ser tão forte quanto possível, formar um verdadeiro exército, protegido por batedores, uma vanguarda, tropas de flanco. Os organizadores da caravana esperam, então, que as necessidades do comércio tenham agrupado sob sua direção todo um mundo de negociantes exportadores com seus animais de carga. Tal cidade ambulante de caravaneiros compõe-se de vários milhares de indivíduos tendo com eles milhares de animais. Cada uma dessas sociedades móveis constitui-se sobre o

modelo das cidades entre as quais se transportam as mercadorias, e os diversos tipos políticos encontram-se ali representados, em conformidade com as instituições da região: tal caravana é uma república itinerante; tal outra é uma monarquia despótica; nos caminhos da Pérsia, o "prefeito" ou *karchonda* do comboio amiúde teve o direito de vida e morte sobre os súditos que o acompanham; tem sua corte de juízes e carrascos. Freqüentemente os chefes, seguidos por uma reputação de tirania, não puderam recrutar negociantes para a expedição; outros, ao contrário, tornados populares por seu espírito de justiça, vêem a multidão dos viajantes comprimir-se ao seu redor.

Sem dúvida, o comércio é a razão fundamental das caravanas, mas todos os elementos humanos encontrados em uma cidade comum estão igualmente representados na cidade das tendas que se detém todas as noites e retoma sua marcha pela manhã. Sacerdotes, monges, mendicantes e outros, que receberão seus lucros sobre todas as transações, acrobatas, cantores, vaticinadores, prostitutas mesclam-se aos negociantes e aos soldados; deslocando-se, a sociedade urbana mantém-se em quase toda a sua complexidade, em sua partida tendo poucos ou nenhum inválido. Até mesmo, como em uma cidade, a repartição das classes faz-se por bairros elegantes e por subúrbios: os humildes, os pobres afastam-se prudente-

mente do centro onde se mostram os grandes, do alto de suas montarias[27], ou dormindo sob suas tendas luxuosas.

Nas sociedades modernas tornadas pacíficas, bem como nos desertos, que são doravante atravessados por estradas e ferrovias providas de estações mantidas a grande custo, as caravanas perdem toda razão de ser e, cedo ou tarde, essas "sociedades móveis de segurança" terão cessado de existir. Essa forma das viagens e dos transportes já desapareceu completamente da Europa e só é encontrada por exceção em outros continentes: ela só se manteve no mundo muçulmano, e ainda assim de uma maneira bem enfraquecida, pois em toda parte o comércio moderno, por mar ou por terra, encontrou o meio de contornar por novos itinerários as estradas antigas dos caravaneiros; entretanto, por mais imperfeitas que fossem em sua organização política as sociedades moventes dos mercadores, elas não constituíam menos, pela liberdade relativa de seu membros, pela poesia da vida ao ar livre, pela beleza dos horizontes que se aproximam e afastam-se, uma das grandes alegrias da vida para todos aqueles que haviam tomado parte nelas, e se a humanidade não tivesse o poder de substituí-las sob mil formas, o desaparecimento das cara-

---

[27] Herman Vambery, *Sittenbilder aus dem Morgenlande*, p. 213.

vanas seria uma perda essencial na educação do gênero humano. Se é verdade, como o diz Vambery, que todo ano quinhentos mil persas de todas as idades, de todas as condições, tomam parte no vaivém das caravanas e das peregrinações, esse enorme deslocamento da população deve-se sem dúvida em grande parte às alegrias da vida errante. Os iranianos, tipo da vida sedentária em comparação com os turanianos nômades, não têm menos no sangue o amor pela viagem e pelas aventuras.

Como vão longe os tempos da caravana para os nossos países da Europa ocidental, se é que os transportes de mercadorias tenham alguma vez efetuado-se por aqui por longas fileiras de animais de carga! Assim que o homem soube fazer flutuar uma prancha sobre a água corrente, ele pôde, organizando curtas viagens, constituir uma rede suficiente para a distribuição de seus produtos, e cujo efeito útil é muito superior àquele dos animais de carga; a sirga é, mecanicamente, o meio de transporte mais econômico. As vias fluviais foram relativamente abandonadas, por sua vez, quando se ousou navegar pelos mares. Os Alpes, os Cárpatos, a zona alagadiça da bacia do Dnieper não perturbaram mais o tráfego do Adriático ao Mar do Norte e do Mar do Norte ao Báltico, quando este efetuou-se pela circunavegação da península européia, da Escandinávia ao Oriente mediterrâ-

nico. Mesmo nos países onde a ausência de rios deixa toda a sua importância às caravanas, a África saariana, a Arábia, a Pérsia, a Ásia central, os Andes, a quantidade total de mercadorias deslocadas a grande distância nunca foi bem considerável, e em mil anos, ela decerto não alcançou aquilo que os trens de carga de um único país da Europa transporta agora em um ano, isto é, uma carga que se mede em bilhões de toneladas por quilômetro e que, para o conjunto das redes do mundo inteiro, talvez ultrapasse trezentos[28].

As vias férreas e a grande navegação substituíram a caravana, não só em seu papel comercial, mas ainda na satisfação que ela dava ao homem que ama deslocar-se. A necessidade da viagem alcança agora substratos humanos cada vez mais profundos, e pertence doravante à saúde. Enquanto se aguarda algo melhor, a semana de férias anual remunerada faz parte com toda justiça das reivindicações operárias, e ela é utilizada por muitos daqueles que a obtêm para uma vilegiatura à beira-mar. E a evolução acompanha-se de um aumento de conforto e velocidade, e, inclusive, de uma diminuição de preço. Em 1830, a frota francesa levou 18 dias para alcançar Alger; hoje o trajeto efe-

[28] A rede francesa (45.000 quilômetros, aproximadamente a vigésima parte da rede mundial) transportou, em 1901, dezesseis bilhões de toneladas por quilômetro.

tua-se normalmente em 26 horas. De 1845 a 1901, o transporte da tonelada por quilômetro baixou de 12 centavos para 4,5, e aquele dos viajantes de 7 para 4. Todavia, a bem da verdade, o amor pelas viagens degenera em muitas pessoas ricas numa mania deambulatória que lhes torna dolorosa toda estada prolongada em um mesmo local, e que os faz deslocarem-se sem qualquer benefício para sua inteligência. Por essa loucura da velocidade, o civilizado opõe-se muito claramente com a placidez do oriental: um parece continuar a desconhecer que o tempo transcorre, o outro, às vezes, agita-se muito para não fazer nada.

Assim como as caravanas, as grandes feiras tiveram de transformar-se. De início, deslocam-se forçosamente à medida que a rede das vias de comunicação rápida cria centros que se confundem, por sinal, com as capitais. Outrora, amava-se escolher para encontro de comércio uma cidade de fronteira, sem autoridade política própria, situada entre grandes Estados: em resumo, buscava-se escapar da ação de um poderoso soberano que poderia ser tentado, malgrado tratados e salvo-condutos, a fazer as transações ocorrerem em seu benefício pessoal. O local escolhido era amiúde um campo que permanecia deserto durante todo o período separando os encontros do comércio, e, assim como os caravaneiros, os feirantes constituíam-se entre si em corpo político, dando-se tal ou qual governo

temporário segundo os costumes do tempo, as tradições locais e os preconceitos dos negociantes mais ricos, sob a vontade dos quais conformava-se a multidão dos pequenos comerciantes. Pela força das coisas, os detentores do poder mais próximos do local onde se faziam essas operações frutuosas tentavam levar vantagem nelas, e, quase em toda parte, obtinham êxito; mesmo quando a força do hábito ou o respeito ao passado conservaram os antigos campos de feira, a liberdade das eleições desapareceu: os vigilantes e reguladores eram designados de antemão.

Por sinal, o papel essencial dos antigos mercados em locais e datas fixos é doravante desempenhado pelas grandes lojas das cidades, que funcionam todos os dias do ano. Certos objetos raros e preciosos, trazidos de muito longe, só eram encontrados nas feiras: vemo-los agora, bem mais numerosos, nas casas especiais dos grandes negociantes, e o comprador pode adquiri-los quando lhe convém. Tal bazar de Londres ou de Paris contém mais riquezas do que levavam outrora todas as caravanas e eram vendidas em todas as feiras do mundo; todo dia os comboios das vias férreas despejam na cidade mais clientes do que se viu em algum momento em Sinigaglia[29], em Beau-

---

[29] Assim denominada até o início do século XX, Senigallia é uma cidade portuária italiana na costa do Adriático. (N.T.)

caire, em Leipzig ou em Novgorod. Uma grande revolução comercial realizou-se: a periodicidade das trocas deu lugar a um movimento incessante, contínuo, de transações que não é interrompido nem mesmo à noite, porquanto o sol ilumina sempre um lado do planeta e a rede das ferrovias, dos telégrafos, dos telefones vibra incessantemente para transportar os negociantes e transmitir suas ordens de cidade em cidade e de continente em continente.

O comércio internacional, que já representa um número tão grande da ordem de bilhões — mais de uma centena —, teria alcançado proporções bem mais consideráveis se os governos, obedecendo às injunções dos grandes industriais de seu país, não tivessem adotado medidas fiscais para "proteger" o trabalho autóctone, isto é, para assegurar aos investidores das empresas nacionais um enorme lucro. Assim que os produtores de uma região são advertidos de que o artigo por eles fabricado é de qualidade inferior ou de preço superior ao artigo similar obtido ou fabricado pelos produtores estrangeiros, eles intrigam junto aos poderes públicos para impedir que o artigo penetre no país, ou então para receber subsídios de exportação. Em resumo, dirigem-se ao governo de sua nação para enriquecer pessoalmente fazendo com que seus compatriotas paguem um imposto suplementar. Na França, o procedimento funciona em

nossos dias de uma maneira quase automática pelos cuidados de uma "comissão de alfândegas". Assim que uma nova utilização ou que uma descoberta permite ao produtor estrangeiro vender uma certa mercadoria a melhor preço do que o fabricante francês, o restabelecimento do direito alfandegário é imediatamente solicitado, e não há exemplo de que as câmaras legislativas tenham-no alguma vez recusado. Como, nessas condições, o custo de vida não aumentaria gradualmente? Se o pão nacional é caro, é preciso que ele encareça ainda mais para que o grande proprietário aumente seus lucros; se os tecidos nacionais ou o ferro nacional não valem os produtos de mesma natureza que o estrangeiro poderia fornecer, pois bem, que esses produtos sejam barrados na entrada, completamente, por uma proibição absoluta, ou, em fortíssima proporção, por direitos habilmente graduados. Dessa maneira, o governo alcança um duplo objetivo: ele dá ao Tesouro um acréscimo considerável de impostos, cobrado do consumidor, e favorece seus amigos da classe superior, que são os verdadeiros senhores do país.

Podemos citar inúmeros exemplos de completas supressões do comércio em conseqüência da "proteção" que a alfândega pretensamente assegura ao comércio. Assim, o regime alfandegário da Argélia nas fronteiras do Saara teve por conseqüência, durante

mais de meio século, desviar completamente a marcha das caravanas e dirigi-las, seja para o oeste, rumo ao Marrocos, seja para o leste, rumo à Tunísia e à Tripolitânia. Políticos sustentaram que a abolição da servidão na África havia desencorajado o comércio, outrora consistindo, em grande medida, em escravos. Pôde-se crer também que a hostilidade dos tuaregues havia tornado todo comércio impossível; mas os tuaregues, bem como todos os outros habitantes do Saara, não teriam deixado de tirar proveito dos caminhos abertos às trocas rumo ao litoral de Alger, se, na entrada, esses caminhos não tivessem sido barrados por postos alfandegários. Os verdadeiros "impedidores de caminhos" não foram os bárbaros, mas sim os franceses. Assim, para citar fatos peremptórios, o açúcar, o café, as especiarias, que são os produtos consumidos no Saara, são atingidos por um imposto sete vezes superior na fronteira argelina àquelas de Trípoli. Como os compradores que percorrem milhares de quilômetros através das solidões não mudariam seu itinerário natural para tirar proveito das vantagens que lhes proporcionam os negociantes tripolitanos[30]?

Depois das desgraças causadas pela redução ou pela supressão das relações comerciais entre povos,

---

[30] A. Fock, *Bulletin de la Société de Géographie*, p. 170, sessão de 3 de maio de 1895.

é preciso citar os absurdos e as conseqüências grotescas nos quais deve desembocar o escrúpulo dos observadores zelosos da tarifa: assim, a posse de um faraó mumificado e sua assimilação a um carregamento de bacalhau nos registros da alfândega, e a condenação do proprietário de um campo de Illinois, sobre o qual havia caído um meteorito, a pagar direitos alfandegários pela massa de ferro estrangeiro do qual ele foi o feliz comprador[31]. Mas as bizarras exigências do fisco são apenas um fraco inconveniente em comparação ao mal que ele provoca no próprio gênio do homem. O monopólio obtido pela proteção do Estado tem na maioria das vezes por conseqüência a própria perda da indústria que se presume que essa proteção favoreça e que empobrece pouco a pouco porque já não é animada pela paixão do trabalho. A proteção do Estado é sempre nociva porque suprime a iniciativa individual, porque desencoraja os pesquisadores, porque obscurece e desnatura as invenções dos rivais. A história da Pérsia fornece um exemplo engraçado das conseqüências do monopólio. Um alto dignitário, tendo sido promovido às funções de "grande almirante" no lago de Urmiah, teve por primeira preocupação decretar que sua própria flotilha doravante se

---

[31] Stanislas Meunier, *Revue Scientifique*, 9 de maio de 1896, p. 581.

ocuparia de todo o comércio da bacia: ele então mandou destruir todos os barcos de propriedade dos pescadores e dos negociantes, mas lhe faltou o dinheiro para construir seus barcos: o lago ficou deserto. Em nossa Europa, as coisas se passam da mesma maneira mais amiúde do que se pensa, e não poderia ser diferente visto que se parte desse princípio segundo o qual a prosperidade dos industriais é obtida pela carestia dos produtos. Assim, os construtores de arcabouços ou de máquinas que querem expedi-los de Lyon ou de Saint-Étienne ao Extremo Oriente, não têm interesse em dirigi-los a partir de Marselha: eles encontram prazos mais curtos e preços de 20 a 40% menos elevados enviando-os ao porto de Antuérpia pelas vias desviadas da Suíça e da Alemanha[32]. Eles podem, inclusive, ter vantagem em enviar sua mercadoria por um navio partindo de Hamburgo.

Os monopólios abolidos já renascem com freqüência sob novas formas; e por que não seria logicamente assim enquanto o princípio for admitido na gerência da sociedade? A Revolução francesa, presumidamente, aboliu a alfândega interna que beneficiavam o Estado, os arrematantes de impostos, os senhores ou as cidades; mas as comunas urbanas, tra-

---

[32] Mangini, *Compte-rendu de la Chambre de Commerce*, 1890, Lyon.

zidas pelo governo para essa funesta via, restabeleceram essas barreiras alfandegárias em suas portas, sob o nome de *octroi*[33], pois o progresso, como se disse, consiste em mudar as antigas denominações. De qualquer maneira, é impossível não considerar como um perfeito absurdo o saque que se faz nas portas das cidades sobre os recursos dessas mesmas cidades e para seu pretenso benefício: é um círculo vicioso que não se percorre absolutamente sem que haja no percurso perda de força. Essas barreiras alfandegárias internas, há muito condenadas em princípio e, contudo, quase impostas pelo governo às municipalidades desejosas de desfazerem-se delas, têm todos os inconvenientes, porquanto entravam simultaneamente a produção, a circulação, o consumo. Elas foram, por sinal, estabelecidas sem qualquer método e variam de cidade a cidade, mudando segundo os produtos e as indústrias. Economicamente, são instituições desastrosas; moralmente, elas acostumam os prepostos aos abusos de autoridade e à rudeza, os cidadãos à baixeza de atitude, à mentira e à astúcia. A maioria das rebeliões que, na Espanha, eclodiram aqui e acolá, desde há trinta anos, teve por origem dispu-

---

[33] Imposto indireto sobre mercadorias de consumo local cobrado pelas municipalidades em barreiras instaladas nas entradas das cidades.

tas entre camponeses e funcionários de *octrois*; assim, são os edifícios onde se faz a percepção que começam a arder quando as discussões esquentam, o motim eclode e a multidão ataca os representantes da autoridade. Todo mundo está de acordo quanto ao absurdo do sistema, mas, malgrado isso, ele resiste a todos os assaltos. Não é grotesco ver uma cidade como Paris, cujas muralhas, com todo o seu sistema de fossos, taludes, contra-escarpas, zona exterior, não têm mais atualmente outro emprego senão aquele de barreira entre os fornecedores do campo e os consumidores da cidade? É um bem caro aparato para um triste objetivo!

É previsível que barreiras alfandegárias internas e externas, tão funestas umas e outras, acabarão por ser destruídas no grande turbilhão da evolução geral. Elas durarão pelo tempo que os Estados puderem manter suas aparências de autonomia sob a dominação do capital triunfante. Os grandes industriais já encontraram o meio de não sentir seus efeitos. Para evitar as fronteiras, eles só têm de fundar suas fábricas em cada uma das regiões que eles querem abastecer com seus produtos: algumas mudanças de nomes, uma outra redação dos estatutos, empregados de nacionalidades diferentes e tudo se arranja. Sua fortuna coloca-os acima de todas as leis imaginadas contra seus predecessores: eles são bastante po-

derosos para contorná-las utilizando-as ao mesmo tempo para livrar-se de seus concorrentes de menor expressão. A liga de todos os consumidores do mundo não será suficiente para desfazer-se de sua ditadura.

A evolução do comércio desde as primeiras épocas mostra-nos singulares contrastes. Ele começou sendo vilipendiado: era uma vergonha comerciar, e agora é a glória por excelência. Segundo a antiga moral, a troca só podia ser feita com o estrangeiro, visto que o irmão de tribo tinha o direito de tomar, e tomava, com efeito. Os buriatas da Mongólia não vendem nem compram no interior da comunidade[34]; jamais, mesmo ainda em nossos dias, eles não pagariam um ao outro por serviços prestados; ninguém pode ser patrão ou criado. Os operários cabilas, que conhecem, contudo, o valor do dinheiro, vão de casa em casa reparar as ferramentas e fabricar as charruas, não como assalariados, mas como convidados, pois as ferramentas são coisa santa, e seria uma profanação tocar no "vil metal" depois de ter realizado esse nobre trabalho do qual depende o nascimento do trigo[35].

Em todos os países do mundo, sobretudo no meio das comunidades rurais pouco agitadas pelo grande tremor moderno, encontramos essa prática da moral

---

[34] Piotr Kropotkin, O *Apoio Mútuo*.

[35] Hanoteau e Lelournieux, *La Kabylie*.

solidária que obriga ao apoio mútuo e proíbe o emprego do dinheiro entre vizinhos e amigos.

Entretanto, visto que, segundo a antiga definição, "o estrangeiro é inimigo", parece natural que ele seja despojado: não só ele pagará pelo que compra, como também, se puderem fazê-lo pagar o dobro ou o triplo do que vale o objeto vendido, o ato será meritório segundo a moral da tribo. Entre as populações, mesmo civilizadas, quantos homens ainda se guiam por essa concepção primitiva do comércio! Tomemos por exemplo os negociantes de cavalos, que geralmente se relacionam com estrangeiros para a venda de seus cavalos. Do mesmo modo, o auvernês que desce da feira de Salers conduzindo seus nobres animais alimentados com o gordo pasto das montanhas conhece perfeitamente as qualidades e os defeitos de seu rebanho, mas ele está decidido a fazer valer umas, a esconder ou atenuar os outros, arte que pratica de maneira admirável, pois nenhum comércio presta-se melhor à astúcia do que a venda dos animais. É o comércio dos bois que faz do auvernês o negociante astucioso, tão hábil a enganar por pequenos meios, a fraudar sobre a qualidade bem como sobre a quantidade dos produtos[36].

---

[36] Edmond Demolins, *La Géographie Sociale de la France, Science Sociale*, julho de 1896, pp. 23 e seguintes.

O princípio do comércio, por sua própria natureza, sendo essencialmente egoísta, pessoal, indiferente de todo interesse estrangeiro, inspirado até um certo ponto pela hostilidade hereditária experimentada pelas pessoas de outro idioma e de outra raça, implica que, ainda em nossos dias, a opinião pública e as leis oficiais respeitem o infeliz que busca no crime, no aviltamento sistemático do próximo os elementos de sua fortuna. Não se censuram absolutamente os procuradores, os advogados, os magistrados que encorajam a mania dos processos, que a alimentam por intermináveis defesas, discussões e papeladas; veneram até mesmo aqueles dentre eles que são julgados dignos pelo poder de revestir a beca vermelha, símbolo do direito de verter sangue: testemunham igualmente um grande respeito pelo médico que alcançou a glória praticando terríveis operações sobre os corpos "vis" dos pobres jogados no hospital, pelo general que compra suas estrelas e suas plumas de avestruz pela salva de tiros sobre os negros ou sobre os grevistas. Enfim, acima dessas altas classes de arrivistas, cerram-se os olhos sobre os malfeitos dos negociantes de carne humana e dos envenenadores públicos, esperando que, depois de terem feito fortuna, eles retirem-se para uma suntuosa mansão e dediquem-se devotamente, sob a conduta paterna de um digno eclesiástico, às delícias da caridade cristã. Al-

guns distritos industriais não foram devastados pelo uso das aguardentes puras ou adulteradas, como se tivessem sido arrastados por um ciclone? O negociante de vinho, o destilador, o químico, que vêem sua obra nessa ruína, vão, contudo, pedir seus votos aos infelizes eleitores para fazerem-se eleger representantes e fabricar novas leis favoráveis à sua bela indústria. A maneira de envenenar, tal é, às vezes, nas assembléias parlamentares, a questão maior, aquela que apaixona todos os partidos, bem mais do que a pátria, a liberdade ou a instrução pública. Vê-se bem isso quando os privilégios dos "destiladores caseiros" estão em jogo! Que audácia! Discutir o direito tradicional que tem o homem honesto de preparar habilmente a bebida que fará perecer seu próximo! E quantas vezes, no campo, nos cabarés de portos, nos bares que cercam a fábrica, cenas atrozes ou abjetas mostram-nos o efeito dessa bela legislação!

É principalmente quando se trata de raças ditas "inferiores" que o comércio pouco se incomoda para proceder a frutuosas matanças. O envenenamento pela aguardente fez-se tão rápido em certas regiões da Oceania e do baixo Congo, por exemplo, que bastou o intervalo de uma geração para despovoar completamente tal ou qual distrito amplamente aberto à influência da "civilização". A zona do Cacongo, confinada pelo mar e pelo rio, era ocupada, em meado

do século, por uma população muito densa: agora os vilarejos tornaram-se raros, mas nos espaços desertos sucedem-se inúmeros cemitérios com suas tumbas guarnecidas de garrafas vazias, símbolo da divindade temível que os exterminou. Os negros que restam nas regiões contaminadas tornaram-se muito inferiores fisicamente àqueles do interior; eles são magérrimos, mirrados, ininteligentes; as doenças fazem deles uma raça degradada[37]. Essas considerações sem dúvida contribuíram secundariamente para que as potências decidissem restabelecer os impostos de importação sobre as fortes bebidas alcoólicas vendidas às colônias africanas, mas o motivo principal dessa decisão foi que o comércio de álcool acabou destruindo todos os outros comércios, de início suprimindo a força física e moral dos autóctones, depois fazendo-os desaparecer.

Não só o comércio, na prática habitual, é mentira e fraude, como também, pela ignóbil publicidade, o comércio é inutilidade, obsessão e feiúra. Enquanto na indústria, a concorrência consiste em grande parte em descobrir novos procedimentos, inventar máquinas mais bem adaptadas a seus fins, no comércio — exceção feita à arte exibida na decora-

[37] *Actes de la Conférence pour la révision du régime des spiritueux en Afrique, tenue à Bruxelles en 1899.*

ção das vitrines — ela só tem por efeito exibir uma certa palavra o maior número de vezes possível sob os olhos do comprador. É o panfleto distribuído nas ruas e que recobre com uma camada imunda as calçadas de nossos bairros movimentados; é o anúncio luminoso, fixo ou intermitente, branco ou colorido, que ataca os olhos e fatiga o cérebro; é a propaganda instalada no campo, pintada nos rochedos e no fundo das águas, projetada sobre as nuvens, e que desfigura os mais belos lugares do globo; é o anúncio que triplica o peso de nossos jornais e tudo invade desde a sexta página — e muito mais nos jornais ingleses e americanos —, inclusive a capa, e desenvolve tudo o que há de instintos perversos e estupidez latente na humanidade. A publicidade, enfim, aumenta em vastas proporções o trabalho da União Postal Universal e infla indevidamente a trinta ou quarenta bilhões o número dos envios anuais[38]. Convém, em relação ao mercantilismo, mencionar a cidade de Edimburgo, onde o espírito público foi assaz forte para levar os comerciantes a desistirem de suas tentativas de placas luminosas, e pensarem com seriedade na imprensa de opinião, no punhado de jornais hebdomadários, nas três ou quatro revistas, que romperam com todo

---

[38] Em 1901, o número dos envios pelo correio foi de 30 bilhões, e ele aumenta consideravelmente a cada ano.

sistema de anúncios e não se apóiam sobre nenhum arranjo financeiro.

Por suas ocupações inúteis, estorvadoras e malfazejas, o comércio "faz viver" uma multidão de pessoas, mas a sociedade decerto teria mais vantagem em alimentá-los do que não fazer nada, enquanto espera que ela saiba reconduzir sua atividade aos trabalhos de melhoria do solo. É livrando a humanidade dessa barafunda que os reformadores e utopistas têm condição de pedir a cada adulto da Cidade futura apenas três ou quatro horas de trabalho inteligente por dia.

Atualmente, em cada país, o número das transações comerciais é considerado como padrão da prosperidade. O ponto de vista contrário seria mais lógico: quanto mais bem utilizado for o solo pelos habitantes, menor será a necessidade de exportar os gêneros alimentícios; quanto mais inteligente for o trabalho de suas fábricas, menor será a troca dos produtos. Em vez de considerar o comércio como um fetiche, convém, para cada grupo humano, estudar qual seria a melhor aplicação das forças naturais de que dispõe e de sua própria atividade, depois reparti-las com sagacidade entre a agricultura, a indústria e o comércio.

É verdade, o comércio que conduz à fortuna não deixa de assegurar a consideração ao comerciante, entretanto, resta algo da antiga moral que proibia o irmão de vender ao irmão, o cidadão de comerciar com um outro cidadão, e sente-se, no fundo de si mesmo, uma má consciência de todas essas operações. Disso resulta que se busca de bom grado uma vítima expiatória levando a culpa de todo o povo, como outrora o bode Azazel, expulso do campo dos hebreus. Essa vítima será o estrangeiro contra o qual, sob acusação de fraude, pode-se acrescentar todas aquelas que se somaram de século em século contra as pessoas nascidas para além do horizonte. Enquanto se precisa desse estrangeiro, porque ele é verdadeiramente indispensável para tal ou qual indústria ou ramo de comércio, buscam um meio de tolerá-lo, e até mesmo mostrá-lo favoravelmente; entretanto, tão logo ele cessa de ser necessário, conspurcam-no, perseguem-no, se é que não chegam a expulsá-lo ou matá-lo. Durante a guerra franco-alemã, todo residente nascido além do Reno era brutalmente expulso da França; no entanto, eu conheço uma cidade que evitou expulsar o confeiteiro alemão, reconhecido como indispensável a todos os jantares finos da burguesia. Resmungando, permitiam-lhe inclusive exprimir em voz alta sua alegria com as infelicidades da França.

Assim agiram os povos da Europa contra os ciganos, esses descendentes de casta hindu errando outrora de vilarejo em vilarejo, de feira em feira, para trocar cavalos, estanhar panelas, vender plantas medicinais, ler a sorte. Enquanto esses nômades foram os mais hábeis nesses diversos ofícios, foi preciso suportar sua passagem e sua breve estada no local da feira ou em algum terreno vizinho: mas assim que a sociedade local teve entre os seus todo um pessoal de negociantes de cavalos, estanhadores, herboristas, feiticeiros, logo os boêmios de passagem foram acusados de todos os crimes; viram neles ladrões de cavalos e, sobretudo, raptores de mulheres e crianças. Suspeitados e caluniados, expulsos das comunas rurais, perseguidos nas cidades e nos burgos, só lhes restava, sob pena de morte por inanição, buscar perder-se no proletariado pela dispersão. Por sinal, eles eram submetidos a tão pouca coisa que as leis não pareciam feitas para eles: aprisionavam-nos ou os deportavam por medida administrativa; muitos deles, sob o segundo império napoleônico, foram assim enviados para a Guiana, de onde não retornaram. Ao menos na Europa oriental eles foram mais respeitados por causa de seu grande número. Assim, na Hungria, onde eles são quase cem mil, e seu talento musical torna-os absolutamente indispensáveis em todos os casamentos e festas de vilarejos, eles foram forçados

a fixar-se ao solo, tendo recebido terras que acabaram por cultivar como seus vizinhos de outras raças.

O judeu também é um desses estrangeiros odiados, não por causa de seus defeitos dos quais o pretenso ariano da Europa ou da América estaria isento, mas precisamente em virtude do vício partilhado com ele. Acusam-no de amar em demasia o dinheiro e ganhá-lo de modo vil. Ora, isso não poderia também ser censurado em todos aqueles, de qualquer raça ou de qualquer religião que sejam, que vendem, fraudando no peso, as mercadorias avariadas, em todos aqueles que aceitam daquele que os remunera ultrajes, ao menos palavras, gestos de desprezo, em todos aqueles que ganham dinheiro no sangue e na lama? Eles são legião. Mesmo a educação que dão quase universalmente à juventude consiste em ensinar-lhe a lograr êxito de qualquer maneira. E se, na concorrência, o judeu é mais feliz do que o pretenso cristão, este não detesta seu rival porque ele obedece a uma inveja de escravo? Desejam-lhe mal simultaneamente por suas vilanias pessoais e por aquelas que são cometidas tentando distanciar-se dele na corrida pela fortuna.

O fato de serem separados por signos distintivos dos outros cidadãos ou súditos de um país assinala os israelitas ao ódio da multidão. Com efeito, embora não possuindo absolutamente território em comum e não

falando a mesma língua, os judeus constituem sob certos aspectos uma nação, visto que têm consciência de um passado coletivo de alegrias e sofrimentos, o acúmulo de tradições idênticas bem como a crença mais ou menos ilusória num mesmo parentesco. Unidos pelo nome, reconhecem-se como formando um único corpo, se não nacional, ao menos religioso, no meio dos outros homens. Da China à Califórnia, da Etiópia à Inglaterra e ao Marrocos, eles praticam uma certa solidariedade. Mas as diferenças são muito grandes entre os diversos centros de agrupamento: Polônia, Palestina, Macedônia, Holanda. Tantos países, tantas línguas diferentes, e a centésima parte deles, no máximo, conhece o idioma no qual foram escritos os livros sagrados. Os judeus dependem, segundo os países, dos governos mais diferentes; em certos países, tomam parte na vida política, enquanto em outros lugares estão completamente dela excluídos; enfim, o que quer que tenham dito, eles pertencem às raças mais diferentes. Lá onde faltam uma mesma fé e a solidariedade econômica, a comunidade de nação cessa igualmente. Outrora, o proselitismo religioso havia feito os judeus; em nossos dias, a indiferença os desfaz. Numerosos são aqueles que, em nossas sociedades modernas, nascidos judeus, cessaram de sê-lo.

Sem se deter nas impressões pessoais que reproduzem os viajantes, nem nas afirmações mais ou me-

nos precisas que os próprios judeus transmitem, cegados pelo seu nacionalismo, os etnólogos modernos estudam os crânios e as outras características antropológicas apresentadas pelos pretensos israelitas das diversas regiões. Ora, ocorre precisamente que as cabeças judias não se assemelham àquelas dos árabes propriamente ditos, isto é, aos semitas por excelência, senão na própria península da Arábia, e nas regiões vizinhas, particularmente no norte da África. Com efeito, os árabes ligam-se pelo tipo aos negróides, sendo a parte posterior de seu crânio fortemente desenvolvida. Por outro lado, os judeus do Cáucaso são quase todos braquicéfalos, e seu índice médio varia de 80 a 83: isso significa que essas características assemelham-se àquelas das populações em meio às quais eles residem (Ikov). O mesmo fenômeno encontra-se em todos os países do mundo onde os judeus estabeleceram-se. O judeu polonês tem a cabeça do polonês; o judeu português tem a cabeça do português. Até mesmo a forma do nariz aquilino que geralmente é atribuído aos judeus, bem como a curva em seis da envergadura nasal não são mais comuns entre os homens da religião mosaísta do que entre seus vizinhos[39].

---

[39] Meyer, Kopernicki; William Ripley, *Racial Geography of Europe, Apleton Science Monthly*, 1898 e 1899.

Entretanto, há diferenças, não só físicas como também morais. Elas não têm a importância fundamental que amiúde se imagina, mas é porque elas existem que há tendência natural a exagerá-las. A questão é saber se essas diferenças provêm da raça ou se são explicáveis pelas condições econômicas. Assim, os judeus são quase geralmente mais baixos do que os povos no meio do qual vivem. Mas a estatura não está em relação direta com o bem-estar e, em todas as partes de uma mesma população, não observaremos esses contrastes de altura em razão do conforto da existência? Assim, na Inglaterra, os israelitas enriquecidos há várias gerações escaparam dessa pretensa lei de uma inferioridade de altura e não se constatou que eles estejam em relação a isso abaixo dos ingleses cristãos. Os judeus pobres são não só muito pequenos, relativamente ao normal, como também têm uma fraca capacidade dos pulmões, e sua medida de tórax não alcança a média: evidentemente, essa medida fisiológica deve-se ao fato de uma alimentação insuficiente durante inúmeras gerações; todavia, por outro lado, os judeus, acostumados à sobriedade forçada, extraíram essa vantagem de acomodar-se mais facilmente no meio e viver muito mais tempo do que seus vizinhos. Sobre 100 americanos, a metade não alcança 47 anos, enquanto a metade dos judeus dos Estados Unidos chega aos 71 anos; em um grupo de

1.000 crianças americanas, 453 morrem antes dos sete anos de idade e apenas 217 crianças judias.

O fato é constante: os 2.000 judeus dos quais Ripley dá as medidas apresentam, não o tipo semítico semelhante àquele do árabe, mas aqueles dos povos entre os quais eles vivem e com os quais estão fisicamente mesclados. É, portanto, decerto inadmissível que se fale dos judeus como de um povo de raça pura, e que sejam colocados como "semitas" em oposição aos pretensos "arianos" que representam os europeus do oriente e do ocidente. Na época do fervor religioso, os adoradores do Deus único pregavam sua fé com a paixão do entusiasmo e, amiúde, as multidões foram atraídas como conseqüência trazendo novos elementos étnicos na assembléia dos crentes. Foi assim que os armênios, a exemplo de seus reis, introduziram-se em massa no mundo judeu, ao qual eles assemelhavam-se, por sinal, por seus hábitos nômades e suas práticas comerciais. Mais tarde, outros "judeus", em centenas de milhares, não eram mais do que khazares das regiões do Don, do Volga, do Dnieper convertendo-se à religião de Moisés que disputava, então, a dominação da Europa oriental com o Islã e com o culto dos cristãos. Do mesmo modo, conversões em massa à fé judaica ocorreram na Mauritânia, e, quanto às adesões individuais, elas produziram-se em todos os tempos, mesmo nas épocas de

perseguição; ainda em nossos dias, em pleno período de indiferença, poderíamos citar alguns exemplos. O caráter realmente democrático, popular do judaísmo deu-lhe essa força de preensão que ele sempre possuiu malgrado o ódio com o qual foi perseguido. Sabemos que no século VIII, judeus da Babilônia, revoltando-se contra o despotismo dos sacerdotes que queriam impor suas interpretações pessoais como sendo de inspiração divina, constituíram a seita independente dos caraítas, que reivindicaram sempre com energia seu direito de estudo e exegese individuais. Ora, em relação a isso, todas as sinagogas, à exceção daquelas que mergulharam na inércia, foram um pouco caraítas. A coesão dos judeus, através dos séculos e em todos os países do mundo, foi mantida pelo apagamento relativo do papel dos sacerdotes. Os rabinos mal têm o caráter sagrado, são mais os "primeiros entre os pares". Disso resultou que o conjunto da nação pôde conservar sua leveza e sua elasticidade, acomodar-se ao meio mutável, viver, enfim. Mumificados com sacerdotes em uma doutrina e uma política imutáveis, eles não teriam podido ultrapassar os maus dias da Idade Média[40].

Unidos pela religião, por ela constituídos como nação seminômade, tendo seus locais de agrupamento

---

[40] Chmerkin, *Conséquences de l'antisémitisme en Russie*.

em todos os centros de civilização, os judeus foram mantidos e, por assim dizer, forjados e unidos pelas condições econômicas. Só o fato de adotar o mesmo nome, malgrado a diferença das origens, participar das mesmas cerimônias, aplicar em suas relações um mesmo método e mostrar-se solidários ante as outras nações, não podia resultar, a longo prazo, senão em dar características comuns a todos aqueles que se dizem irmãos em Israel: da diversidade primitiva surge forçosamente uma aparência de unidade. Além disso, é importante levar em consideração o nascimento e o desenvolvimento de um tipo profissional que se formou gradualmente entre os judeus em conseqüência das ocupações análogas às quais eles estavam condenados pelo meio. Em toda a parte onde se apresentavam, sua condição de estrangeiros tornando-os naturalmente suspeitos à população dominante, eles agrupavam-se espontaneamente nas cidades onde encontravam mais facilidade para o exercício de seus ofícios, e onde tinham ao mesmo tempo mais condições de escapar das grosseiras manifestações de ódio popular.

De fato ou de direito legal, o trabalho da terra era-lhes proibido, e, de geração em geração, durante séculos e séculos, eles desaprenderam a cultura do solo que seus ancestrais, os Bene Israel, haviam outrora praticado nos vales da Terra Prometida. Para

eles, a ocupação por excelência foi aquela que, por sinal, eles haviam aprendido com seus patrões fenícios em todos os portos do Mediterrâneo: eles mobilizavam as fortunas facilitando as transações; eles emprestavam e tomavam emprestado por conta de terceiros, serviam de intermediários e banqueiros aos cristãos que buscavam ocultar seus haveres para subtraí-los às exigências do Estado ou da rapacidade dos senhores e dos sacerdotes. Inúmeros judeus, que não tinham bastantes recursos para ocupar-se de gerir, desse modo, os negócios alheios, recorriam aos ofícios de joalheiro e cambista, que teria sido quase impossível a residentes cristãos exercerem, pois, para o transporte de moedas e matérias preciosas, era indispensável corresponder-se com homens de confiança em todos os países estrangeiros. Só os israelitas desfrutavam desse privilégio que lhes dava o cosmopolitismo. Quanto à maioria das comunidades, ela devia engenhar para viver, sobretudo com esses ofícios aos quais se pode ocupar-se em domicílio de modo a evitar os gritos e os ultrajes. Mas os lucros desses pequenos trabalhos são mínimos e a luta pela sobrevivência seria das mais difíceis para os judeus proletários se o excesso de infelicidade não os tivesse obrigado a uma grande solidariedade.

O pequeno número de ofícios e profissões exercidos pelos judeus, e sobretudo a importância maior

dada em sua existência ao comércio do dinheiro, decerto contribuiu em grande parte para criar-lhes um tipo particular que permite amiúde distingui-los entre os outros elementos étnicos e sociais. A moral profissional, que se mantém durante um grande número de gerações e que se fortalece do pai ao filho e do avô ao neto sem ser neutralizada ou combatida por uma outra moral profissional, acaba por adquirir uma força irrepreensível[41], o amor pelo ganho sem escrúpulos acaba por se ler em cada olhar, em cada gesto, em cada expressão dos traços e movimentos do corpo. Milhões de caricaturas representam o judeu cúpido, submisso, sorriso capcioso, nariz de ave de rapina; mas esse não é um tipo de raça: deve-se ver nele uma deformação temporária, destinada a desaparecer com as causas que a fizeram nascer, isto é, com as condições da propriedade e a concorrência comercial. "Foi o gueto", repetiram-no com freqüência, "foi o gueto que fez o judeu"! Abrindo os portões do local maldito, ele foi "semidesjudaizado".

Mas é fácil compreender que, tornado mais livre ou até mesmo promovido à condição de cidadão nas mesmas condições que as pessoas dos outros cultos, o judeu queira igualmente escapar ao opróbrio que continua a pesar sobre os libertos. Enquanto a

[41] Eduard Hartmann, *Das Judenthum*.

massa dos israelitas limita-se a acomodar-se o melhor possível às circunstâncias, e conta com a "paciência e a duração do tempo", grandes reparadores das injustiças, certos descendentes incontestáveis de banqueiros, rabinos, buscam indignamente confundir-se entre os cristãos, fazer esquecer sua origem; mas outros, de metal mais nobre, permanecem orgulhosos de seu passado, reivindicam abertamente seu nome, ligam-se às suas lendas e, inclusive, quando eles cessaram de crer, ainda reivindicam a antiga religião. Muitos desses judeus, demasiado estreitamente patriotas para sentirem-se solidários com outros que não sejam de sua raça, pensaram inclusive em se dar uma verdadeira pátria material, com leis especiais e fronteiras. Ora, que país pode convir para tornar-se a pátria dos judeus se não a Judéia, a "terra da Promissão", onde outrora se ergueu o templo de Salomão e onde cada rochedo, cada olival, cada fonte porta um nome sagrado. É verdade que essa terra santa não está à sua disposição e que, para entrar ali, é necessário pedir humildemente a autorização a um senhor estrangeiro, a um homem de religião inimiga, entretanto, quem sabe se não são eles o Povo do milagre, e se o Senhor que os guia já não tem a força de seu braço?

Em todos os tempos, desde a grande dispersão dos judeus pelos exércitos romanos, a Palestina con-

servou alguns residentes da antiga nação, fossem fanáticos escondidos nas cavernas ou nas ruínas, fossem infelizes vivendo de rapina e mendicidade. Graças ao restabelecimento de um regime de paz entre os cultos, o número dos israelitas, chamados à mãe-pátria pelo fascínio do local santo, tornara-se bastante considerável. Em meado do século XIX, contavam-se uns vinte mil em Jerusalém, quase o dobro no conjunto da antiga eram apenas parasitas decaídos, imaginando que suas orações e suas repetições dar-lhes-iam o direito de viver às expensas dos fiéis do mundo inteiro. Eles reivindicavam como lhes sendo devido a *chaluka*, isto é, a contribuição de caridade e piedade coletada nas cidades da Europa; e quando inovadores pensaram em utilizar essa receita para encorajar o trabalho, não para facilitar a preguiça, o santo populacho lançou gritos de indignação.

Duas outras classes de judeus opuseram-se à idéia de uma restauração do povo de Israel pela emigração na Palestina: os judeus completamente europeizados, que não falam o hebraico, que ignoram inclusive o jargão iídiche e que não pensam mais ao modo judeu, e os "religiosos" por excelência, os chassidim, que não querem de maneira alguma reconhecer em sua "Terra Santa" a suserania de um senhor ímpio e que não entrarão no país que o Eterno lhes deu senão sob a direção de seu Messias, o Juiz dos

Vivos e dos Mortos. Desses oponentes, uns não são mais verdadeiros juízes, os outros o são exageradamente e recusam acomodar-se covardemente no mundo tal como o fazem os gentis. Mas entre os dois partidos extremos, há lugar para os "oportunistas" que aceitam entrar na terra dos antepassados pedindo a proteção do Sultão, fazendo-se clientes dos cônsules europeus. Por sinal, trata-se aqui de uma experiência econômica e social do mais alto interesse. Seria verdadeiro que os judeus, devotados hereditariamente ao comércio de quinquilharias, ao comércio de varejo, à manipulação dos metais, tornaram-se incapazes de retomar a indústria dos ancestrais e cultivar os campos, plantar videiras e oliveiras? Haviam negado que essa transformação fosse possível, mas judeus quiseram provar por seu exemplo que eles podem renovar a tradição por cima das épocas: tal é a causa que deu origem à fundação de colônias agrícolas em torno de Jaffa, na Galiléia, e, inclusive, para além do Jordão.

O movimento começou pela compra de um jardim às custas de um milionário judeu. Depois a Aliança israelita universal fundou em 1860 uma escola de agricultura, e diversos potentados do banco, entre outros aquele ao qual os curiosos políticos amiúde atribuíram a ambição de comprar a Palestina do Sultão e constituir-se ali um reino, compraram

terrenos cultiváveis nos lugares mais favoráveis. Em 1891, já existiam vinte e quatro colônias judaicas, de uma superfície de 25.000 hectares, na Palestina; dois mil agricultores israelitas trabalhavam nelas e serviam-se, além do mais, da mão-de-obra autóctone. Alguns desses estabelecimentos gozavam de uma real prosperidade, e o problema estava resolvido, sobretudo para os colonos inteligentes saídos das universidades russas e buscando na exploração do solo uma obra verdadeiramente científica. Atualmente, todas as colônias sionistas, exceto uma, são estabelecidas sobre o princípio da propriedade individual.

Experiências de mesma natureza já haviam sido feitas na Macedônia. Em seu livro, *L'Hellénisme Contemporain*, Victor Bérard fala da comunidade judia de Kastoria que, sob a pressão das circunstâncias, em conseqüência de uma mudança de direção nas vias comerciais com Salônica, teve de ocupar-se da exploração direta das terras cujo jogo de interesses tinha-a provido. Mas a cultura à qual dedicavam-se os israelitas de Kastoria, de procedência espanhola bem como aqueles de Salônica, é sobretudo a atividade de horticultura e fruticultura, trabalhos que exigem mais método e cuidados minuciosos do que aqueles da agricultura propriamente dita: pode-se dizer desses judeus que em seu novo ofício eles permanecem

artesãos[42]. Do mesmo modo, as colônias de emigrantes judeus aos quais deram terras consideráveis em Vineland, na península de New Jersey, limitada ao sul pela baía de Delaware, tornaram-se famosas nos mercados das grandes cidades vizinhas pela excelência de seus morangos, groselhas, mirtilos e outras bagas: milhares de famílias judias ocupam-se no distrito dessa espécie de jardinagem que quase se poderia comparar, pela preciosidade do trabalho, a uma outra atividade israelita, aquela das jóias. As mesmas observações foram feitas pelas colônias de refugiados semitas recém-estabelecidas na República Argentina.

* * *

Assim, a sociedade atual, em seus movimentos de rápida transformação, ainda apresenta todas as reminiscências das antigas formas de indústria e comércio. Todas as práticas seculares de produção, de manipulação e trocas ainda subsistem aqui e acolá, e muito provavelmente ainda se poderia encontrar na borda de alguma floresta sombria ou nas praias de uma ilha distante essa bizarra troca de produtos que

---

[42] Victor Bérard, *La Turquie et l'Hellénisme contemporain*, p. 320.

se fazia entre inimigos ocultando-se uns dos outros: durante a noite, os produtores colocavam seus objetos de venda em um local visível, e à noite iam buscar o que os compradores haviam colocado em substituição aos seus. Talvez o costume tenha desaparecido da ilha do Ceilão, outrora o lugar clássico mencionado nas obras de economia política, mas se os veddah foram levados às práticas usuais da venda e da compra pela influência das populações que os pressionam de todas as partes, hindus e dravidianos, europeus da Holanda, da Inglaterra ou da Escócia, tais pigmeus tímidos das florestas africanas ainda têm grande consciência do mundo de imagens e impressões que os separa dos outros homens de rosto negro para que eles ousem operar livremente suas trocas com eles: a natureza humana continua a mantê-los no terror primitivo.

Do mesmo modo, continua a existir o pequeno comerciante, agachado atrás de uma prancha sobre a qual encontram-se algumas bananas, amêndoas, amendoins ou bombons coloridos, passando assim uma existência inteira sem outro horizonte intelectual senão montes de moedas substituindo-se a seus outros montes de vários produtos. Esse comércio ínfimo está na extremidade de uma cadeia cuja outra extremidade é ocupada pelo comércio mundial: de um lado, fios quase invisíveis chegando aos mais hu-

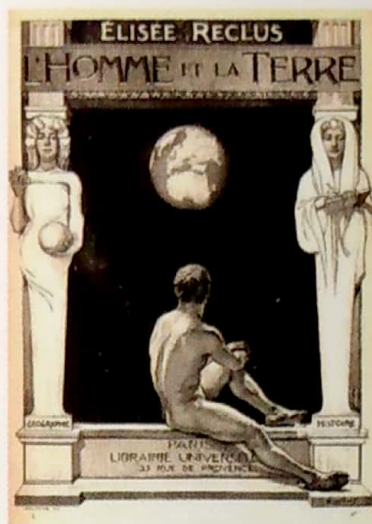
mildes dos seres humanos; do outro, imensas e poderosas redes abarcando povos inteiros e estendendo-se de minuto em minuto por meio das forças produzidas pelo vapor, pela eletricidade, todas as descobertas sobre as quais trabalham incessantemente os exércitos de físicos e químicos. Entre esses dois extremos apresentam-se todas as formas intermediárias em um caos aparente sob o qual não se encontra sem dificuldade a ordem que começa a desenhar-se abaixo. A falta de solidariedade nos interesses é tal que as classes chegaram a desejar a desgraça umas das outras a fim de tirar proveito disso por suas pequenas respectivas vantagens.

Não só a humanidade é dividida em nações inimigas que vêem no ódio um sentimento patriótico; cada nação subdivide-se em corpos secundários que têm um "espírito" diferente e hostil. O soldado odeia o burguês e este despreza o operário. A roupa, as ocupações, as tradições — mas antes de tudo os interesses — criam rivalidades e ambições absolutamente contrárias. Por uma vantagem particular, chega-se até a desejar um desastre público; tal médico, tal coveiro deseja epidemias, mesmo correndo o risco de ele também ser arrebatado pelo flagelo; o militar quer as batalhas nas quais talvez a morte o aguarde; o advogado busca processos, e o comerciante de álcool encoraja a embriaguez. Os habitantes do litoral encarre-

gados de conservar e reparar os diques de defesa felicitam-se quando uma tempestade deteriora as muralhas e ameaça afogá-los, pois neste caso a remuneração é dobrada: precisam deles; crescem na estima e na relação dos homens.

Entretanto, sob o formigamento dos vibriões encarniçados para entredestruir-se, sente-se a tendência geral das coisas a fundir-se em um corpo vivo cujas partes, todas, estarão em interdependência recíproca e acabarão inclusive por associar os inimigos, fazer de cada comerciante o repartidor delegado na distribuição dos produtos que ele recebe: organismo a uníssono do ritmo universal no imenso mecanismo. Por outro lado, os poucos homens poderosos que crêem dirigir o formidável conjunto das trocas são associados a milhões e milhões de indivíduos que, pelas próprias condições de sua existência, determinam as operações comerciais a despeito do "livre arbítrio" de especulação que se atribuem os detentores do capital.

Tudo estaria em vias de compor um cosmos harmonioso onde cada célula teria sua individualidade, correspondendo a um livre trabalho pessoal, e onde todos se engrenariam mutuamente, cada um sendo necessário à obra de todos. O mecanismo funcionaria perfeitamente se, por uma sobrevivência ainda soberana, cada um não pensasse precisar ter em mãos

um signo representativo de seu direito ao consumo, isto é, a peça de prata, a moeda. Comprar e vender são ainda as palavras de ordem daqueles que ingressam na vida, mas índices precursores já nos fazem compreender que essas palavras serão um dia abolidas. A livre Produção e a Repartição eqüitativa para todos, tal é a realização que exigimos do porvir.

Se os grandes industriais fazem o exército montar guarda diante de seus castelos e de suas fábricas, eles fazem questão igualmente de dispor do arsenal das leis, interpretadas em seu benefício. Embora a escravidão tenha sido abolida oficialmente, não lhes desagradaria absolutamente restabelecê-la, assim como o mostra claramente o exemplo da América do Norte, onde, contudo, a emancipação dos negros foi solenemente proclamada. Evidentemente, os filhos de plantadores, dominados pelo preconceito hereditário, regateiam as condições da liberdade que eles foram obrigados a reconhecer, e buscam o melhor possível construir suas chusmas atuais sobre o modelo do tempo passado.

ÉLISÉE RECLUS

ISBN 978-85-7935-015-3
9 788579 350153